



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

FATIH SARIBAS

**A DEMOCRACIA NO IRAQUE:
É uma falsa promessa para “massas de pessoas”?**

BRASÍLIA

2019

FATIH SARIBAS

A DEMOCRACIA NO IRAQUE:

É uma falsa promessa para “massas de pessoas”?

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - (FAJS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Prof. Me. Frederico Seixas Dias

BRASÍLIA

2019

FATIH SARIBAS

A DEMOCRACIA NO IRAQUE:

É uma falsa promessa para “massas de pessoas”?

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - (FAJS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Prof. Me. Frederico Seixas Dias

BRASÍLIA, / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Frederico Seixas Dias, Me.

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer para meu professor orientador Frederico Seixas Dias pelo seu acompanhamento e contribuições essenciais para o desenvolvimento e a organização que abriram novos horizontes de pensamento e formaram profundamente os pilares indispensáveis desse trabalho. Em seguida, gostaria de agradecer para Gustavo Antonio Calvet e Aline Sapiezinskas como inspiradores da ideia e motivadores para tirar esse projeto do papel e para colocar na ação. Seria um grande erro esquecer essas grandes contribuições que estimularam o que foi feito até neste momento e que será feita a partir de agora, por meio do apoio e estímulo deles. Agradeço com todo o meu coração.

RESUMO

A falta de uma democracia estável e presença de conflitos constantes no Iraque ocupam o país desde quase início do século, desestabilizando não apenas seu contexto interno, mas também sua região de um modo profundo. Esses problemas se baseiam em diversos fatores que fazem parte da atualidade no país e formam o cenário sócio-político profundamente. Neste sentido, com objetivo de entender melhor esse cenário, este trabalho traz uma abordagem baseada em democracia e democratização no país e seus efeitos sobre questão de identidade e como esses conceitos foram influenciados em frente dessa questão através de um olhar construtivista. Em torno dessa abordagem o trabalho busca, em específico, como que a falta de democracia e fracasso dos processos de democratização influenciaram as identidades nacional e subnacional, em um primeiro momento construindo a relação entre conceitos de democracia e democratização com identidade, e em seguida, a fim de construir a realidade levando em consideração diferentes pontos de vista, trazendo opiniões do elite político, do povo e do mundo acadêmico iraquiano e estadunidense como um olhar ocidental que interferiu diretamente nos processos de democratização e construção de identidade no país. Desse modo, o trabalho descreve e analisa os discursos e práticas políticos, opiniões públicas em frente desses atos e problemas enfrentados e análises acadêmicas estabelecidas sobre o contexto e traz uma conclusão baseada nesse conjunto de realidades.

Palavras-chaves: Iraque. Democracia. Democratização. Identidade. Construtivismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 PERSPECTIVAS DA DEMOCRACIA E DEMOCRATIZAÇÃO	9
2.1 Democracia	9
2.2 Democratização	14
2.3 Democracias e Paz Perpétua Liberal	18
2.4 Conclusão: Democracia, Democratização & Identidade	22
3 A DEMOCRACIA NO IRAQUE DE OLHAR ESTADUNIDENSE	24
3.1 Opinião da Elite Política Estadunidense	24
3.2 Opinião Pública Estadunidense	28
3.3 Opinião Acadêmica Estadunidense	31
3.4 Conclusão	35
4 DEMOCRACIA NAS PALAVRAS E AÇÕES NO IRAQUE	37
4.1 Democracia e Identidade para Elite Governamental Iraquiana	37
4.2 A Opinião Pública Sobre a Democracia no Iraque	49
4.3 A Opinião Acadêmica Sobre A Democracia No Iraque	59
4.4 Conclusão	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIA	72

1. INTRODUÇÃO

O Iraque foi um dos países do Oriente Médio que não conseguiu se livrar dos problemas políticos e sociais baseados em estabelecimento e organização do Estado. Essa situação criou, conseqüentemente, uma ausência da estabilidade que afeta frequentemente sua região de uma maneira negativa, causando a uma grande imprevisibilidade nas relações com outros países do mundo. Como não existe um vínculo natural entre sociedade e Estado no Iraque, os governos sempre foram frágeis que não conseguiram representar o povo como um todo, ou demonstraram uma tendência forte de autocracia com objetivo de manter a união nos territórios dos seus Estados, além dos objetivos baseados em interesses pessoais. Como uma consequência dessa situação, o Iraque ficou governado durante diversas épocas da sua história por um indivíduo ou um elite que concentra o poder inteiro nas suas mãos. O nacionalismo que levou os povos árabes para revoltar contra Império Otomano, não conseguiu criar um ambiente de união e organização nacional. Bem contrário, surgiu diversos países que não possuíam uma base social, racial ou religioso que consegue manter a sociedade unida, como Iraque. Nesse sentido, muitas vezes, encontrar em um ponto comum se tornou um desafio grande. Por isso, nos períodos seguintes a revolução, os tentativos de estabelecer uma democracia sustentável que representa o povo iraquiano sempre foi uma dificuldade. Como um resultado do contexto, a emergência dos governos autocráticos com a promessa de fornecer a união ou surgimento dos grupos armados separatistas no país com discursos radicais, deixaram o cenário ainda mais complexo. Por meio desse contexto social e político, o Iraque se tornou um berço de grupos separatistas ou terroristas que se demonstraram como fatores desestabilizadores na região e também no mundo. Maior parte dos movimentos no Iraque surgiram em oposição ao Estado, ou seja, a ineficiência, irresponsabilidade ou perseguição dos governos provocaram surgimento desses grupos, conseqüentemente, dos conflitos. É possível dizer que a desestabilidade é motivada por vínculos fracos entre Estado e povo? A falta de identidade iraquiana é motivo para esses problemas? Ou própria falta de democracia cria essa crise de identidade? Ou seja, a falta de democracia possui uma relação com a identidade fragilizando a identidade e criando fragmentações dentro do Iraque?

Nesse sentido, para entender a desestabilidade política e social do país e como as questões de democracia e identidade e a relação entre essas questões interferem nessa desestabilidade, esse trabalho de pesquisa surgiu sendo baseada em papel da democracia na construção da identidade iraquiana. Pois uma pesquisa que possui seu foco em uma esfera política e social, considerando a inclusão dos elementos de qualidade da democracia, sua

implementação, efeitos criados sobre o povo e a percepção do povo sobre próprios governos do país, pode trazer um esclarecimento para instabilidade política e social sem desconsiderar algum desses problemas que interferem diretamente para o contexto. Em esforço de responder essas perguntas a qualidade da relação entre governos e sociedade iraquiana se torna um ponto de partida que possui uma capacidade de esclarecer a situação atual do país. O papel da democracia no Estado Iraquiano, suas influências sobre a sociedade e como a sociedade veja a democracia seriam os aspectos principais para esclarecimento dos desafios que o povo do Iraque enfrenta no caminho de implementação de um sistema estável. Nesse sentido, como a qualidade de democracia é um dos critérios que demonstra a qualidade dessa interação entre sociedade e Estado, se torna o ponto principal da pesquisa. Como Wendt afirma, a anarquia é um elemento criado socialmente, (WENDT, 1992) ou seja, surge através das interações entre indivíduos, sociedades, Estados, identidades diferentes e as experiências acumuladas nessas interações entre essas diferentes identidades. Neste sentido o cenário “anárquico” do país iraquiano pode ser entendido por meio da observação da relação entre o Estado e a sociedade no Iraque. Em torno desse raciocínio é desenvolvido uma abordagem estabelecida para compreensão de atuação e influências criadas por essas atuações por diferentes fatores que fizeram parte do contexto iraquiano. Estabelecendo uma análise sobre os governos, sociedades e, como um fator que possui uma capacidade de trazer explicações mais profundas, dos acadêmicos, que fizeram parte do contexto iraquiano de um modo direto ou indireto são levados em consideração com objetivo de acentuar o papel da democracia na construção da identidade iraquiana.

Durante o trabalho, primeiramente será desenvolvida uma abordagem para as questões de democracia e democratização e seus possíveis vínculos sobre identidade, e para determinar um possível relação de motivo e impacto entre esses conceitos. Em seguida, como um fator bem polêmico até atualidade, a intervenção estadunidense para Iraque com objetivo de estabelecer a democracia no país foi tratado, por ser um ponto histórico no país no contexto de democracia e democratização em diferentes aspectos e diversas opiniões. Pois, essa intervenção possui seu efeito intenso sobre o contexto iraquiano atual considerando que essa intervenção criou um novo sistema político esperando uma aceitação rígida pelo povo iraquiano. Por isso, por representar uma mudança abrupta no contexto iraquiano e a relações entre povo e governo, nessa parte foi considerado a abordagem estadunidense sobre a democracia e sua implementação no Iraque. Finalmente, as opiniões dos elite político, povo e academia iraquianos serão levadas em consideração para trazer um maior esclarecimento sobre democracia e democratização no país com próprias experiências adquiridas durante sua

história sócio-política, além dos legados nacionais e estrangeiros deixados no país. Ou seja, essa parte final foi estabelecida para entender conflitos, as relações entre governos e povo além do papel da democracia sobre a identidade nas percepções e atos dos iraquianos de diferentes contextos.

2. PERSPECTIVAS DA DEMOCRACIA E DEMOCRATIZAÇÃO

Neste primeiro capítulo do trabalho, o objetivo é trazer perspectivas e debates principais sobre os conceitos de democracia e democratização e estabelecer os vínculos gerais desses conceitos com o conceito de identidade identificando suas possíveis influências sobre a identidade, para criar a base teórica do trabalho. Como conceitos de democracia e democratização são intimamente relacionados entre si, estabelecem os fatores fundamentais para atingir o objetivo da pesquisa como uma toda, sendo entendimento dos efeitos da democracia sobre a identidade iraquiana. Em torno desse tema principal, são trazidas as definições desses conceitos e abordagens acadêmicas com propósito de explicar diversos lados desses conceitos que serão base para o desenvolvimento do raciocínio.

Para poder prosseguir no trabalho de um modo saudável e, além do entendimento desses conceitos, para estabelecer um espaço de interpretação coerente, a definição dos conceitos chaves que serão citados durante o trabalho é uma parte fundamental, por isso, a explicação de cada um desses conceitos será feita trazendo um certo nível de profundidade. Em seguida, as abordagens acadêmicas são incluídas para ampliar o espaço da interpretação a fim de compreender o alcance dos conceitos e suas possíveis influências sem prejudicar a coerência do trabalho nas interpretações. Neste sentido, nesse primeiro capítulo será estruturado os pontos apontados em cima em três subtítulos, sendo, primeiramente a “Democracia”, em seguida, “Democratização” e, finalmente, “Democracias e Paz Perpétua Liberal”.

2.1 Democracia

O entendimento de processo da democratização e seus efeitos sobre a identidade, considerando sua complexidade e sua imprevisibilidade, necessita uma elaboração de uma reflexão satisfatoriamente detalhada. Como cada caso deve ser elaborado em seu próprio contexto tendo em vista suas peculiaridades sociais, políticas, econômicas e culturais, é um processo que demonstra uma variedade de um caso para outro e, assim, sua compreensão requer certo nível de precisão.

A democratização, como um fenômeno que interfere na esfera política e social diretamente, é um campo de estudo que chamou e está continuando chamar atenção de diversos autores de várias áreas das ciências sociais, por isso, é um procedimento que tem suas explicações feitas de acordo com abordagens econômica (LIPSET, 1959), social, política

(RUSTOW, 1970) e, inclusive, cultural (ALMOND; VERBA, 1963). Antes de trazer essas opiniões dos autores sobre o assunto, neste artigo, no primeiro momento, o conceito de democracia será introduzida por conta da sua importância para entendimento do processo de democratização. O que é democracia? O que podemos e precisamos entender desse conceito? Quais são seus aspectos?

Literalmente, a democracia se refere ao poder de governar de um povo específico sobre si mesmo, porém, socialmente e politicamente pensando, não é uma conceito que pode ser limitado apenas para essa explicação. (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 2019)

De acordo com o Bobbio (1983), a democracia é um conceito desenvolvido durante o tempo, ganhando diversos aspectos em três épocas principais que são: teoria clássica em que a ideia da governança de Estado por seus próprios integrantes que possuem o direito de cidadania, diferentemente de monarquia ou de aristocracia, foi estruturada; na teoria medieval, por sua vez, o pensamento de representação baseada em soberania popular e, conseqüentemente, de legitimidade começaram a ocupar um espaço significativo dentro da ideia de democracia; e, finalmente, na teoria moderna, com o surgimento do modelo da república como um modelo de governança de Estado, a democracia foi incorporada para sistema governamental. (BOBBIO, 1983) Neste sentido, a democracia foi um conceito que desenvolveu gradualmente durante a história de acordo com condições. Na teoria clássica, a ideia da democracia surge como um alternativo a modelos existentes; na teoria medieval surge estruturação da ideia por meio de legitimidade e soberania popular sendo contra alienação do povo dos mecanismos de tomada de decisão; e na teoria moderna a incorporação da democracia como um sistema onde a implementação da soberania popular é possibilitada. Neste contexto, é possível dizer que a democracia é dependente de condições da época e ações humanas.

Levando em consideração a abordagem construtivista, como as relações entre atores e experiências e identidades dos atores participantes do contexto determinam as condições do contexto, ou seja, como a anarquia e outros fatores relacionados ao contexto são construídos socialmente (WENDT, 1992) é possível fazer a interpretação de que a democracia também é construída socialmente sendo vinculado às condições, necessidades e conseqüentemente, com as interesses da época. Assim, pode ser dito que junto com suas experiências e interesses, as identidades construídas nessas diversas épocas do desenvolvimento da democracia são vinculados com o surgimento da democracia. Este aspecto social da democracia viabiliza uma pesquisa onde é questionado a relação entre a democracia e a identidade, e a criação dessa relação explicativa pode contribuir para esclarecimento do caso do Iraque como um país que

no mesmo tempo sofre da crise de identidade e da desestabilidade política na implementação da democracia.

Em torno desses aspectos principais da democracia, que se resumem, superficialmente, na incorporação da participação de povo na política para exercer a função de governança estabelecendo representação e criando legitimidade, as diversas instituições trazem definições ao conceito. Segundo o dicionário político da Universidade de Oxford a democracia é “*a system of government by the whole population or all the eligible members of a state, typically through elected representatives.*” (OXFORD REFERENCE, 2019). De acordo com o *Cambridge Dictionary*, (2019)

[...] *the belief that everyone in a country has the right to express their opinions, and that power should be held by people who are elected, or a system of government based on this belief.*

As definições apresentadas pelas universidades de Oxford (2019) e de Cambridge (2019), se relacionam com a definição de Bobbio e são contribuições essenciais para o entendimento da democracia, representando os aspectos como a distribuição de poder, base sócio-política do conceito e princípios básicos como representação e legitimidade.

De outro lado, a definição da *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (2018) demonstra diferenças na abrangência do conceito, trazendo a perspectiva metodológica, juntando diversos aspectos da democracia e criando níveis diferentes de atuação para o conceito, que é como seguinte (CHRISTIANO, 2018):

[...] *the term “democracy” [...] refers very generally to a method of group decision making characterized by a kind of equality among the participants at an essential stage of the collective decision making. Four aspects of this definition should be noted. First, democracy concerns collective decision making, by which I mean decisions that are made for groups and that are binding on all the members of the group. Second, this definition means to cover a lot of different kinds of groups that may be called democratic. So there can be democracy in families, voluntary organizations, economic firms, as well as states and transnational and global organizations.*

Com essa definição, o conceito de democracia ganha uma aplicabilidade maior para cenários diferentes sócio-políticos. Neste contexto, a democracia é um conceito que estabelece uma metodologia de decisão em torno de questões de interação humana onde existe processo de tomada de decisão coletivamente que, naturalmente, inclui perspectivas sociais, políticas e econômicas. Especialmente, no primeiro aspecto trazido na definição que estabelece um vínculo entre tomadores de decisão e população, ou seja, grupo social, econômico ou político, criando efeitos em frente de decisão tomada, traz a questão de *self-government*. Neste contexto, por meio da ideia de *self-government* é possível dizer que a democracia é, simultaneamente, um processo que influencia suas integrantes e é influenciado

por seus próprios integrantes. Ou seja, um sistema onde existe alienação de um povo específico dos mecanismos de tomada de decisão é longe de ser uma democracia, por excluir a influência dos integrantes sobre sistema e a participação essencial dos seus integrantes.

Este ponto específico é crucial para a o trabalho por mostrar qual é a relação entre o sistema e a identidade e por acentuar a importância dessa interação para democracia. Pois, através dessa explicação, seria possível dizer que o sistema da democracia, especialmente, sua implementação, funcionamento e qualidade em um lugar específico são intimamente relacionados com as características da identidade ou identidades presentes neste lugar, pois, na democracia, é um conjunto de diversas identidades, ou seja, sociedade que é responsável por sua própria governança. Como Weber afirma (2013) que as instituições políticas orientam o comportamento e a identidade, por outro lado, não são imunes a influência das identidades, pois não são “pré-dados” mas sim são criadas por identidades. Nas democracias onde existe oportunidade de acesso dessas identidades para aparelhos de governança, influência das identidades da população nas instituições políticas seria mais acentuada. Além disso, o sistema é um fator que, talvez, não seja determinante sobre as identidades, porém, sua influência é colocada como um efeito sobre os comportamentos que interfere a identidade. Neste sentido, a cadeia de influência seria como seguinte: diversas identidades dentro da população influencia o sistema governamental, e esse sistema influencia essas identidades.

A definição feita pela enciclopédia de Stanford traz mais dois aspectos da democracia para consideração, que é como seguinte: (CHRISTIANO, 2018)

Third, the definition is not intended to carry any normative weight to it. It is quite compatible with this definition of democracy that it is not desirable to have democracy in some particular context. So the definition of democracy does not settle any normative questions. Fourth, the equality required by the definition of democracy may be more or less deep. It may be the mere formal equality of one-person one-vote in an election for representatives to an assembly where there is competition among candidates for the position. Or it may be more robust, including equality in the processes of deliberation and coalition building.

Por meio dessa explicação próprio autor reconhece a particularidade e a subjetividade do conceito que pode depender do contexto, sem encaixar ele nas condições bem definidas, além de trazer uma abrangência para conceito apontando para particularidade na implementação da democracia em cada contexto. Pode se observar que a democracia inclui uma estrutura e metodologia abstrata e aberta para interpretação por não ter fundamentos normativos. Essa particularidade canaliza os esforços de entendimento de cada caso no seu próprio contexto, ou seja, no caso da democracia no Iraque é essencial entender as peculiaridades do contexto iraquiano. Assim, os atores, as condições, as interações e

experiências que fazem parte do contexto se tornam objetos relevantes de pesquisa para entendimento do cenário iraquiano.

É importante incluir também a abordagem do Dahl sobre democracia atual que é conceitualizada pelo autor como “poliarquia”. Segundo Dahl (1971) a poliarquia não é necessariamente mesmo com a democracia, mas, é contrário da monarquia. Para ele, a democracia é um sistema de governança ideal onde os governos são responsivos constantemente para todos os cidadãos sem estabelecer alguma diferenciação entre eles. Neste sentido, os sistemas governamentais encontrados hoje em dia, são apenas tentativos de aproximação à ideia da democracia, por isso, são poliarquias.(DAHL, 1971) A poliarquia é um conceito que inclui a governança de mais de uma pessoa onde o poder é compartilhado mas não significa representação de todas as partes do povo. O termo de poliarquia se refere a uma sistema onde: (DAHL, 1989)

[...] citizenship is extended to a relatively high proportion of adults, and the rights of citizenship include the opportunity to oppose and vote out the highest officials in government.

Isto é, uma boa parte dos “adultos” são representados na poliarquia, mas não todos. Por isso, a representação é limitado em comparação a democracia. De acordo com Kenney (2019) a poliarquia do Dahl representa um processo de aproximação à democracia, ou seja, um processo de democratização e o nível de dominância da sociedade no poder governamental define a proximidade a democracia ideal. (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 2015) Assim, Dahl traz aspectos empíricos para entendimento da qualidade da democracia em um país. Essa afirmação mostra que dominação de um certo grupo ou indivíduo sobre o poder governamental, a qualidade democrática seria baixa e, se o poder governamental for limitado para acesso de um grupo social único representando a maioria da população, a qualidade da democracia seria baixa. Pois, para Dahl (1971), para atingir a democracia o principal necessidade é inclusão e representação da sociedade inteira nos mecanismos de tomada de decisão. Neste contexto, as tendências autocráticas de centralização do poder no sistema governamental em sistema democrático levaria o foco de poder de governados para governantes, causando a exclusão. Neste sentido, a qualidade da democracia é prejudicada por um afastamento entre governo e sociedade, isto é, por uma exclusão de certas identidades dentro da sociedade dos aparelhos de governança. Assim, as identidades seriam influenciadas pelo sistema governamental sendo excluídas parcialmente ou completamente por causa da baixa qualidade da democracia.

Neste ponto, a democracia liberal-pluralista ganha uma relevância essencial com o nosso contexto. Na palestra realizada na Fundação FHC, Larry Diamond explica que a

democracia liberal é um conjunto de valores e princípios onde a participação das diversas identidades presentes em um país no processo de tomada de decisão, a preservação de respeito entre e sobre as identidades, livre competição e direitos básicos são mantidos de um modo eficiente.(FUNDAÇÃO FHC, 2017) Sendo parecido com a ideia da democracia de Dahl, representação, acesso aos aparelhos políticos e a inclusão são elementos fundamentais na ideia da democracia liberal, mas para Diamond, democracia pode existir em diferentes níveis de qualidade e nos níveis de qualidade proteção de direitos políticos das minorias ou grupos governados estabelecem um fator significativo. Assim, dentro da ideia da democracia liberal também, o raciocínio da qualidade da democracia baseada em representação e inclusão das diversas identidades é relevante. Por isso, por meio dos da inclusão e exclusão de identidades, a democracia seria um fator que possui uma interação direta com as identidades que representa minorias ou majorias, dentro da sociedade.

2.2 Democratização

Por sua vez, a democratização é o processo de estabelecimento da democracia (OXFORD REFERENCE, 2019), ou seja, é um conjunto de acontecimentos que resulta aumento na acessibilidade para mecanismos de tomada de decisão, criando certo nível de representatividade por meio de metodologias democráticas. Por isso, resumidamente, é uma mudança sócio-política na direção de democracia. É um processo que chamou atenção de diversos acadêmicos e, por isso, possui uma literatura significativa em relação a si mesmo, incluindo teorias, condições necessárias, dúvidas e críticas.

O Rustow cita três modelos principais de democratização que foram desenvolvidos por diversos acadêmicos. Primeiramente, o autor traz o modelo socioeconômico dos autores como Seymour Martin Lipset (1959) e Philips Cutright (1969) em que o surgimento da democracia é baseado em condições econômicas favoráveis que possuem efeitos sociais como a proporção de população urbana, alfabetização generalizada etc. Ou seja, prosperidade e bem estar social são base da democratização. (RUSTOW, 1970)

De outro lado, de acordo com Przeworski, um desenvolvimento econômico não é um fator definitivo sobre democratização considerando que existem ditaduras que são destruídas em uma crise econômica, ou, sobrevivem em um momento de crescimento econômico. Przeworski explica que a democracia é difícil de emergir nos países pobres e existe maior possibilidade de emergir nos países de renda média. Porém, segundo autor, uma renda per capita alta em um país ditatorial dificultaria uma transição para democracia. (PRZEWORSKI,

2004) Isto é, a situação econômica pode ser, no mesmo tempo, uma “desculpa” para manter sistema ditatorial por conta de alguns privilégios ou interesses econômicos que uma parte da população possui por conta do sistema. De outro lado, uma situação negativa econômica pode ser um motivo para derrubar o sistema. Em qualquer jeito é uma questão bastante difícil de prever, pois inclui a reação social em frente do contexto presente. Pois, as condições não são determinantes do resultado tanto quanto as ações humanas. Ou seja, o processo é baseado em interpretação e atuação humana provocada por interpretação em frente da realidade. Neste contexto, aspecto social da democratização, ou seja, ação e reação de sociedade ganha importância sem negar a possibilidade de interferência econômica no processo. (PRZEWORSKI, 2004) Neste sentido, é possível dizer que a democratização é um fenômeno reacional baseado em interpretação humana sobre contexto. Os interesses, experiências e a interação de identidade com seu contexto seria base da interpretação e assim, a democratização se torna um elemento relacionado com a identidade e experiências.

O Rustow também traz o modelo baseado em harmonia de aspectos sociais e psicológicos dentro de sociedade como crenças e atitudes. De acordo com esse modelo, o ponto principal que leva a democracia é o consenso sobre a necessidade de democracia e suas características que estabelecem certas regras para qualquer um seguir. Trazendo a ideia de “*civic culture*”, o modelo cria e provoca a participação de cada um dos integrantes estabelecendo uma cultura de democracia. De outro lado, a homogeneidade ou um puro consenso de uma cultura ou de uma sociedade sobre uma questão é bastante polêmico. Hinnebusch, por exemplo, considera como ilusório as argumentações que vê a cultura como algo uniformizado e fixo (HINNEBUSCH, 2006). Como Cynthia Weber (2013) aponta em crítica a “*Clash of Civilizations*” de Huntington, identidades individuais ou coletivas são conflituosos entre e dentro si. Própria identidade é um fenômeno que surge por meio da interpretação de diferenças e de conflitos entre essas diferenças. Neste sentido, em um mundo cada vez mais globalizado onde existem interações entre diferentes identidades, é difícil atingir para uma homogeneidade cultural. Por isso, como as interações humanas são constantes e a cultura e política são frutas dessa interação, existe uma constante mudança no âmbito sócio-político. (WEBER, 2013)

Terceiro modelo de democratização possui seu foco em estruturas sociais e políticas onde existe conflito para estabelecer uma reconciliação. A democracia é vista como um processo desenvolvido entre conflito e reconciliação baseado em certos valores e regras e na influência das estruturas de uma sociedade sobre o mecanismo político. (RUSTOW, 1970)

Esses três modelos de democratização aceitam 3 pontos essenciais que são; 1) a necessidade de conflito e reconciliação; 2) lealdade a regras e valores democráticos; 3) participação ao processo político. Especialmente no ponto de lealdade a regras e valores democráticos, as abordagens apontam para o lado sócio-cultural da democracia e aspecto voltado a identidade que é pouco abordado no mundo acadêmico. Essa lealdade também estabelece “as regras do jogo” para interação entre Estado, população e diversas identidades, criando base cultural da democracia. Ou seja, a metodologia de interação social e política entre identidades estabelecem a base da democracia.

Porém, de acordo com Rustow, esses modelos não explicam a causalidade do processo de democratização e não deixam claro se esses critérios são para manter um sistema democrático ou para estabelecer uma democracia. Em seguida, o autor traz critérios para consideração da democratização sem enquadrar nas condições restritas. De acordo com autor, a gênese da democracia possui uma forma uniformizado social, temporal e geográfica. (RUSTOW, 1970) Ou seja, uma democracia é resultado imprevisível dos efeitos de um contexto complexo que não demonstra um método unitário e consolidado. De outro lado, o Rustow, estabelece três pré-requisitos condicionais para democratização, que são a necessidade de sentimento de união nacional, de um conflito profundo para estabelecer os mecanismos de conciliação e de regras democráticas aceitas por sociedade e Estado, para viabilização do processo de democratização. Quando falta o senso de união nacional, as identidades participantes da sociedade podem demonstrar uma tendência de separação de união em um caso de conflito. De outro lado, esse conflito pode provocar uma perseguição ou exclusão dos grupos se não existir uma aceitação das regras democráticas. E, se não houver uma aceitação dessas regras por governados e governantes, o risco de surgimento de perseguição e exclusão sempre estaria presente como um fator que ameaça a estabilidade. (RUSTOW, 1970) Por isso, a necessidade seria uma reação lógica e equilibrada, dada para um contexto onde existe união nacional e valores democráticos adotados culturalmente, juntando os esforços com objetivo de conciliar um problema. Essa união nacional é necessariamente Estado-nação? A resposta dessa pergunta seria “não necessariamente”. Porém de acordo com alguns autores como Linz e Stepan (1992) uma união nacional que leva a democratização deve ser capaz de criar um nível significativo de confiança entre Estado e população e essa confiança que seria possível apenas em um Estado-nação. Porém, Munck critica essa abordagem dizendo que em uma sociedade que possui nações diferentes estabelecer uma Estado-nação seria incompatível com democracia e obrigatoriamente criaria uma marginalização de uma parte da sociedade. (MUNCK, 2011) A contribuição feita pelos

autores é muito relevante em questão de democratização, porém, representa uma abordagem que limita o processo de democratização para instituições nacionais e tira o foco de sociedade.

Neste sentido, a democratização é um processo que inclui atores e acontecimentos sociais. Um olhar focada em atividades de Estado não seria suficiente para entender as influências do processo como um todo. Segundo Munck, entre novas tentativas de teorização de democratização, dar ênfase para aspecto social é uma tendência relevante para esclarecimento do processo. (MUNCK, 2011) e o aspecto social aumenta ainda mais a peculiaridade de processos de democratização por aumentar as possibilidades que poderiam fazer parte da causalidade. Porém, os esforços com objetivo de explicar o fenômeno não adotam, frequentemente, a questão de identidade como fator constitutivo da democratização. A peculiaridade surge como um resultado de imprevisibilidade de atuação humana e não necessariamente é um produto do sistema ou instituições. Como Wendt (1992) salienta que os sistemas refletem as interações sociais e são construídos por meio dessas interações, é difícil desconsiderar o efeito humano sobre as instituições. Neste contexto, a interação entre identidades e as experiências são fatores desconsideradas mas determinantes no processo.

Neste contexto, lembrando as explicações e críticas feitas, é possível observar que a democratização é um processo socialmente desenvolvido tendo possibilidade de ser provocado por diversos fatores, como econômicos, políticos, culturais ou estruturais. Porém, a interpretação humana, ou seja, visão social construída por meio de experiências, sobre acontecimentos possui uma posição significativa no processo de democratização. Esse critério estabelece, com palavras do Rustow, um “modelo dinâmico” e certo nível de originalidade em cada caso. Essa originalidade reforça o papel da atuação humana em frente dos acontecimentos. A construção social da democracia acentua identidade, considerando que essa construção social é a interação dessa identidade com outras identidades, interpretando o mundo, influenciando o mundo e ficando influenciada pelo mundo. Assim, entendimento da identidade pode trazer esclarecimentos sobre democratização. Dentro da abordagem construtivista, identidade estabelece interesses e percepções sobre ameaça e oportunidade entre indivíduos, grupos, sociedades e Estados, construindo a originalidade de identidades e as interações entre eles. (KATZENSTEIN, 1996)

Além de ser original, identidade é dinâmica. Segundo Weber (2013), identidades mudam constantemente junto com interesses, como um resultado de interações constantes, diferentemente da abordagem da teoria de modernização que aborda o conceito como fixo e homogêneo de um jeito superficial, generalizante e redutivo. De outro lado, a identidade não ocupa uma posição consolidada na literatura de democratização. Porém, para construtivismo,

a identidade é um conceito fundamental para entender os acontecimentos do mundo sócio-político. Como a reciprocidade de influências e interação com seus integrantes no caso da democracia e interpretatividade do processo de democratização, carregam um peso significativo, ou seja, são termos que demonstram uma relação considerável com o conceito de identidade e sua atuação diversificada no cenário mundial.

2.3 Democracias e Paz Perpétua Liberal

De outro lado, porque a democratização é tão importante na atualidade? Porque que Estados autocráticos recebem a pressão do sistema internacional e integrantes dele? Democratização é um processo obrigatório? E porque que democratização é considerada como critério de segurança por alguns países? A necessidade de responder essas perguntas levanta a teoria de paz democrática capaz de trazer explicações que aponta a possibilidade de paz mundial.

De acordo com a teoria da paz democrática, os Estados que adotam a democracia demonstram uma tendência de não entrar em conflito armado entre si. Essa ideia baseada começou a surgir com Immanuel Kant na sua obra chamado de *“Perpetual peace: A philosophical sketch”* e foi inspiração para a teoria de paz democrática e diversos autores como J. David Singer (SMALL; SINGER, 1976), Rudolph J. Rummel (RUMMEL, 1995) e Bruce Russett (RUSSET, 1994). Inclusive, um dos grandes autores dos estudos de democracia como Alexis de Tocqueville tocou nesse assunto. Para Tocqueville quando o princípio de igualdade se espalha em diversos países, começam a compartilhar um medo de guerra e um amor da paz e as tendências de guerra de governantes se enfrenta com um apatia popular e bom senso que diminui guerras. (TOCQUEVILLE, 1840) De acordo com o autor a democratização, ou seja, adoção dos valores democráticos em um sistema governamental, estabelece senso comum em torno de desejo de se afastar da guerra além de um sistema de fiscalização dos governos. Isso significa que quando os valores democráticos são adotados como base para relações sociais, estabelecem um senso comum entre identidades.

A ideia de paz democrática ganhou uma posição de quase “lei” nas ciências políticas, por conta da ampla aceitação da ideia. De acordo com Mello, os países democráticos externalizam suas normas internas de solução de conflitos quando entrarem em uma situação conflituosa com um outro Estado democrático, considerando que meios representam um valor em comum para dois lados de conflito. Essa “afinidade” entre países democráticos, que cria previsibilidade por meio de comprometimento com princípios, estabelece condições para

superar situação conflituosa através de negociação. Além disso, a estrutura interna é baseada em princípio de separação de poderes e fiscalização da legitimidade de atos realizados por governantes. Por isso, considerando o peso enorme de uma guerra que não pode ser ignorado por nenhuma parte da sociedade e do Estado, um tentativa de legitimar a guerra enfrentará desafios significantes no âmbito interno e no âmbito externo também, por conta da presença das organizações internacionais e da interdependência no sistema internacional. (MELLO, 2014) É possível dizer que adoção e implementação do sistema democrático limita ou impede as atuações de identidades “fora da curva” que não representa o povo como um todo, colocando obstáculos de legitimação em frente de seus atos e pressiona essas identidades.

Esses fatores internos e externos são bases da teoria da paz democrática. De outro lado, cada fator é vinculado com outros e estabelecem um conjunto inseparável para atingir a eficiência e vigência. Segundo Doyle, nenhum fator interno ou externo sozinho suficiente mas juntos conectando aspectos políticos e econômicos sustentam paz liberal. Ou seja, cada parte tem sua própria função em manter a paz e inviabilizar a guerra, condicionando e limitando fatores que levam para um conflito armado como sistema internacional anárquico e questão de segurança. Desse modo, a democracia estabelece sua base legítima por ter uma promessa de paz mundial. (DOYLE, 2005)

De outro lado, não existe a mesma tendência de manter paz em uma situação onde um regime democrático enfrenta com um regime autocrático. Nesse tipo de caso, as democracias não são mais pacíficas. Pois, de acordo com Russet diferente de regimes democráticos, nos regimes autocráticos limitações normativas e estruturais internas ou internacionais que normalmente condicionam as ações governamentais e legitimidade dessas ações, são mais fracas ou não existem. Ou seja, nos regimes mais autocráticos, um grupo ou um indivíduo tem poder de agir de acordo com seus próprios interesses, sem enfrentar com muita restrição em relação a suas estratégias. Essa situação cria um certo nível de imprevisibilidade para os demais Estados da região ou do globo. (RUSSET, 1994) Como os Estados ainda são atores que possuem preocupação e responsabilidade de segurança independentemente do regime adotado, a possibilidade de conflito aumenta em um caso de imprevisibilidade independente de seu regime. (DOYLE, 2005) Sendo baseado em uma reciprocidade, em maioria dos casos, as características do outro lado do conflito, são adotados por democracias no caso de enfrentar com um país autocrático. Ou seja, atitude adotada é formulada de acordo com a interação. Neste sentido, pode se observar que existe desenvolvimento de uma identidade coletiva por meio das experiências adquiridas durante o tempo que define relações entre democracias e não-democracias. (MELLO, 2014)

Sendo paralelo à teoria da paz democrática, surge neste ponto a “externalização” de normas e princípios internos através da estruturalização do sistema internacional por regimes democráticos que visam estabelecer “paz democrática”, e/ou, sua própria segurança. O objetivo principal dessa externalização dos valores é criar condições para resolver as situações conflituosas de um modo pacífico minimizando a imprevisibilidade. Porém, até que ponto seria legítima uma externalização da democracia? Que tipo de situação legitimaria isso?

Em frente dessa externalização, os países autocráticos se tornam um risco e fatores “*rogues*” por não demonstrar interdependência ou submissão aos valores do mesmo nível. Por alguns autores críticos a essa abordagem, o conceito de externalização foi chamado de “*imperialismo liberal*” pela tentativa de dominar qualquer outro tipo de regime no âmbito internacional que não adota mesmos valores (ROSATO, 2003). Para Doyle, esse argumento não necessariamente possui um significado negativo, considerando seu objetivo. Segundo o autor, a externalização pode demonstrar uma diversidade na prática: as vezes como uma campanha contra ações específicas; as vezes como pressão internacional e as vezes se concretiza como uma intervenção militar. (DOYLE, 2005) Mas, democracia pode ser um valor exportado de um modo legítimo? Democratização pode ser realizada por terceiros? Antes de tudo, é necessário identificar os atores “democratizantes” do sistema internacional a fim de entender as intenções, metodologias e a legitimidade de processos. Nesse caso, James Dobbins (2003) traz o conceito de *nation-building*. Para ele, o *nation-building* é um conceito que se refere a introdução dos valores democráticos por meio da utilização da força militar. Neste sentido o conceito se torna uma metodologia utilizada para democratização.

O principal ator identificado como responsável pelo processo, normalmente, é Nações Unidas, porém, a atuação dos Estados Unidos no processo de *nation-building* em nome de democratização chama bastante atenção e é possível observar essa atuação durante a história como nos casos de Alemanha, Japão, Somália, Haiti, Afeganistão e Iraque. (DOBBINS, 2003) Para entender essa atuação, é importante considerar a política externa, pois, externalização desses valores é um dos principais pilares da política externa do país. (SANTOS; TEIXEIRA, 2014)

De acordo com Dobbins, tentativas de *nation-building* dos EUA começam na época pós-Segunda Guerra Mundial com casos de Alemanha e Japão. Esses dois casos são essencialmente importantes por serem casos de sucesso no estabelecimento de democracia. Neste sentido, são fatores que motivaram os próximos tentativas de democratização utilizando força militar mostrando a possibilidade de transferir a democracia. Porém cada caso é uma

realidade particular em si, e nos tentativos como Afeganistão e Somália, essa característica foi observada de uma maneira mais clara. (DOBBINS, 2003)

Na época da Guerra Fria, o contexto estava provocando os EUA para adotar uma política externa intervencionista, com objetivo de manter a hierarquia mundial em seu favor por meio de democratização e valores democráticos foram instrumentos para manter e para legitimar seu status quo, criando zonas de influência para o país. Nos anos seguintes a Guerra Fria, essa tradição de nation-building continuou. Para o governo do Clinton, nation-building era um processo que EUA precisava participar naturalmente, mesmo não tendo mesmas preocupação dos anos da Guerra Fria. Com Bush, inicialmente, essa abordagem demonstrou mudanças profundas, com uma tendência voltada a isolamento do país em relação a processos de nation-building por conta de gastos imensos. Porém esse período passou rápido. Como Dobbins coloca: (2003, p. 22) “*Nation-building, it appears, is the inescapable responsibility of the world’s only superpower.*”

No governo do Bush, a “Doutrina Bush” é um bom material para entender os motivos da externalização da democratização. O afastamento dos processos de *nation-building* foram retomados em seguida aos ataques terroristas nos EUA. Em torno da guerra contra terrorismo, os “parceiros” e “incubadoras” de terrorismo, os regimes autocráticos se tornaram alvo como fontes de desestabilidade e conflitos, sendo definido como “*rogue states*”. Por isso, para atingir a paz mundial por meio de relações pacifistas desenvolvidas por Estados democráticos, as ameaças causadas por regimes autocráticos precisavam desaparecer. Assim, a promoção de liberalismo e de democracia pelos EUA dos anos da Guerra Fria ressuscitou, com pensamento de criação de um mundo democrático. (SANTOS & TEIXEIRA, 2014) Isso pode ser observado melhor na sua fala inaugural do Bush onde a definição absoluta da política externa, adotando como o objetivo de terminar as autocracias no mundo, deixa bem clara a intenção de externalização dos valores democráticos como uma medida de segurança para sobrevivência do país e também reflete a “fé” forte na metodologia que levará o mundo para um sistema de paz ideal, como se fosse uma “religião” do mundo secular. (BUSH, 2005)

Neste contexto, considerando os casos de sucesso e de falho da democratização pode ser possível, porém, particularidade dos casos estabelece um uma grande imprevisibilidade ainda. Além disso essa externalização, também pode se tornar a uma ferramenta para legitimar a agenda de segurança das políticas externas dos países, ou, pode estabelecer um ideal para atingir coletivamente.

2.4 Conclusão: Democracia, Democratização & Identidade

Nesta primeira parte que foi desenvolvida com objetivo de estabelecer a base teórica do trabalho, é importante observar diversos pontos sobre esses três conceitos e suas relações entre si. Antes de tudo, o caráter social da democracia e da democratização estabelece um amplo campo para interpretação no ponto de vista construtivista. Considerando essa relação íntima que os conceitos possuem com o aspecto social, o conceito de identidade se torna altamente relevante por sua influência recíproca com os conceitos.

Primeiramente, no caso da democracia, a ideia de *self-government* cria um espaço significativo para entendimento da relação entre identidade e a democracia, tendo em vista a cadeia de influência entre esses dois fenômenos, e fluxo de efeitos que surge em um dos pontos dessa cadeia, influencia o resto da cadeia. Além disso, as classificações feitas sobre a qualidade da democracia, esclarece a influência do nível de democracia sobre as identidades, minorias ou majorias, em um país específico criando inclusões ou exclusões que deixam marcas significativas dentro da sociedade do país.

Por sua vez, a democratização como um fenômeno reacional que possui uma natureza imprevisível causada pela interpretação humana sobre o contexto é um elemento relacionado com fatores como experiências e interações das identidades. De outro lado, não necessariamente é uma questão que é totalmente ambígua e surge do nada. Como Rustow coloca, necessita alguns princípios sócio-culturais e políticos para surgimento que fortalece seus vínculos com o fator de identidade, como união nacional, lealdade a regras e valores democráticos etc.

Neste enquadramento, a democratização, ou seja, adoção dos valores democráticos, possui um caráter regulador sobre as interações humanas por definir algumas regras e levar para uma base cultural democrática. Além disso, por estabelecer limitação de atuações “marginais” cria pressão direto sobre a identidade e como é considerado uma metodologia para criar “paz perpétua” é um valor que existem tentativas de exportar para diversas culturas distintas do mundo através de reconstrução do mundo a partir da inovação social ocidental. Neste sentido, além de suas influências sobre a ordem mundial considerando a desestabilidade causada por Estados liberais com objetivo de exportar os valores democráticos, (MEARSHEIMER, 2018) a democratização se torna um conceito que possui seus efeitos peculiares com a identidade.

3 A DEMOCRACIA NO IRAQUE DE OLHAR ESTADUNIDENSE

O Iraque, de acordo com alguns autores, é um país que nunca teve uma experiência de democracia na sua história e de acordo com outros como Hinnebusch (HINNEBUSCH, 2006), já tinha sim. Em ambos os cenários, é possível afirmar que o maior contato do Iraque com democracia foi pela intervenção dos Estados Unidos no ano de 2003. Enfatizo que é um contato com a democracia e não necessariamente é uma experiência democrática, pois, o discurso principal dos Estados Unidos era baseada em promoção da democracia, porém, o sucesso dessa intervenção ainda é bastante obscuro, considerando o cenário atual do país. Essa intervenção provocou uma discussão acadêmica sobre a possibilidade de “*exportar*” a democracia. Pois, apesar da existência dos casos de sucesso como Alemanha e Japão, existem casos como Afeganistão e Somália.

Por isso, neste capítulo específico será discutida a abordagem dos EUA sobre este assunto, com objetivo de entender a opinião estadunidense sobre a democracia no Iraque e por que foi considerado necessário e possível uma intervenção para democratização do país iraquiano. Como já foi discutida a base teórica da justificação da democratização no capítulo anterior, será trazida diversas opiniões dos políticos, acadêmicos e da população dos Estados Unidos sobre a democracia e a situação do Iraque. As seções foram estabelecidas em torno da classificação dessas opiniões específicas, ou seja, no primeiro momento, as opiniões dos governos dos EUA, em seguida, a opinião pública daquele país e, finalmente, as expressões da comunidade acadêmica estadunidense serão consideradas.

3.1 Opinião da Elite Política Estadunidense

Inicialmente, no caso das opiniões políticas sobre democracia e democratização do Iraque, o mandato de Bush é um marco histórico considerando a intervenção militar realizada no ano de 2003. Inicialmente, diferente da política externa do Clinton, que é antecessor do presidente Bush, era um crítico contra as políticas de intervenção e presença militar. Com essa abordagem, Bush começou a isolar o país em comparação a governo do Clinton que visava promoção de uma ordem mundial liberal. Com ataques terroristas realizados nos EUA em 11 de setembro de 2001, o discurso de Bush e a política externa do país mudou notavelmente, ou seja, uma mudança na identidade por meio de interação e a experiência. Com “Doutrina Bush” de 2002 que definiu estratégia nacional de segurança, a tendência de intervenção aumentou em certos casos considerados como ameaça à segurança nacional, especialmente

contra os terroristas e os governos autocráticos incubadores de terrorismo. Assim, a qualidade da democracia no Iraque se tornou uma questão de segurança para os EUA. (SANTOS; TEIXEIRA, 2013)

Apesar da teoria da paz democrática, discurso de democratização dos EUA e questões de segurança nacional, a legitimidade dessa intervenção ainda é um assunto bastante polêmico. A doutrina traz explicações sobre a legitimação estabelecida para a intervenção e seus efeitos esperados.

De acordo com doutrina Bush, a promoção da democracia no mundo é uma responsabilidade e obrigação dos EUA, além de ser um objetivo definitivo do país. A estratégia, deixa claro que a balança de poder que favorece a democracia e liberdade, tem que ser protegida utilizando o poder nacional. Pois, os valores democráticos estabelecem a base do poder privilegiado do país no mundo. Neste sentido, preocupação principal é segurança nacional e manter a balança de poder através da promoção da democracia. Diferente das condições do século XX e de um realismo puro, a ameaça não necessariamente “*conquering states*”, mas sim aqueles países que estão falhando. (BUSH, 2002) Ou seja, os Estados que não conseguem entregar o que a população precisa, criam a desestabilidade no sistema internacional e para os EUA. Além disso, o presidente aponta a conexão entre os países autocráticos e grupos terroristas, alegando que Iraque e Irã apoiam as atividades terroristas e assim, criam “*Axis of Evil*”. (BUSH, 2002)

Neste sentido, os pontos principais dominantes nos discursos do presidente Bush nessa época eram baseadas em questões de segurança e uma democratização apoiada pela teoria de paz perpétua onde a questão de identidade e seus possíveis efeitos sobre o processo foram desconsiderados. Na estratégia da segurança nacional (NSS, abreviação em inglês) de 2002, a promoção da democracia e democratização das sociedades do mundo foram definidas como uma questão essencial para eliminar as ameaças e para criar paz no mundo. O Iraque foi alvo da democratização pelos EUA, por ser uma ameaça aos EUA e a estabilidade mundial. (BUSH, 2002) Assim, a democratização se tornou uma ferramenta para manter a segurança nacional dos EUA, enquanto a democracia do Iraque se tornar uma ameaça. Mas a identidade da população no Iraque e o contexto interno que o Iraque estava inserido não foi um assunto considerado detalhadamente. Pois, de um olhar estadunidense os valores dos EUA eram universais e desejados pelo mundo inteiro. (SANTOS; TEIXEIRA, 2013) Questões peculiares do Iraque como crise da identidade eram apenas detalhes minimizados enquanto o peso dos valores americanos são maximizados. (SANTOS; TEIXEIRA, 2014) A importância da reação do povo, a interpretação da sociedade iraquiana sobre a intervenção e a importação da

democracia foram questões desconsideradas em frente do valores dos EUA. O contexto que constrói a realidade iraquiana que define as possibilidades da reação do povo iraquiano para uma democratização, além de ser desconsiderado foi impedido pela metodologia adotada por EUA, pois, a responsabilidade de democratização do povo e de suas instituições foi assumida pelas forças de coalizão.

Na NSS de 2006, o mesmo foco na democratização permaneceu. (BUSH, 2006) No governo de Obama teve mudanças em principais objetivos e metodologias. A NSS de Obama não identifica países desestabilizantes no sistema, mas aponta para grupos terroristas como ameaças mundiais e acentua a necessidade de impedir o surgimento desse tipo de grupo. Além disso, não define uma democratização militarizada como uma metodologia para manter a segurança nacional e define o posicionamento dos EUA como apoiador da democratização. Neste sentido, a promoção dos valores democráticos é interesse do país por estabelecer estabilidade internacional, e não é uma questão de segurança diretamente. Assim, não estabelece uma responsabilidade de democratização para os EUA. Essa abordagem cria uma convivência ampliada de diversos sistemas no mundo. Na metodologia definida no NSS de 2010 para combater com regimes autocráticos é menos agressiva e constitui uma abordagem mais pacifista por meio de diálogo diplomático e social. Se for necessário, por meio de sanções capazes de causar as mudanças no comportamento repressivo do regime. Assim, a estratégia reconhece a possibilidade de interagir com regimes autocráticos e democratizar sem meios militares. Inclusive, o presidente Obama em suas falas deixou claro que cada país é o ator principal no desenvolvimento da democracia no seu contexto particular, se afastando da ideia de exportar a democracia. Os meios mais coercivos foram diminuídos e canalizados para questão de segurança nacional com foco em grupos terroristas. (OBAMA, 2010)

A reflexão dessa estratégia no Iraque, em um primeiro momento, foi baseado em retirada gradual das tropas estadunidenses da região e apoio técnico para o novo governo com foco em segurança e governança. Ou seja, segundo NSS de 2010 a presença dos EUA no Iraque, precisava ser mais sócio-político fornecendo apoio técnico para o país permanecer estável. Assim, os EUA, ficando leal a política da promoção de democracia no exterior, adotou uma abordagem mais social e diplomática no caso do Iraque, deixando a autoridade e responsabilidade para governo iraquiano. (OBAMA, 2010) Neste sentido, Obama não assumiu a responsabilidade de transformação social e democratização do país, se afastando da intervenção para assuntos domésticos. Conseqüentemente, a responsabilidade do povo iraquiano na democratização aumentou. (SANTOS; TEIXEIRA, 2014)

Na NSS de 2015, contexto peculiar do Iraque foi refletido de um modo mais detalhado. Foi levado em consideração os conflitos internos e identidade fragmentada do país foi abordado como um fator que provoca o terrorismo na região. Nesta estratégia a prioridade de combater contra terrorismo ainda manteve o primeiro lugar além de estabelecer a estabilidade no Oriente Médio, conseqüentemente, no Iraque, pois, de acordo com a NSS, a solução de controvérsias é fundamental para terminar o terrorismo. Outro ponto enfatizado é a presença militar dos EUA na região como um fator que não resolverá os problemas. Ou seja, a intervenção militar cada vez que for necessário é insuficiente para prevenir o terrorismo. No Iraque o descontentamento da população sunita foi apontado como um problema para resolver através da inclusão e sensibilidade governamental. Ou seja, os EUA estabelece uma cooperação governamental para melhorar a qualidade da democracia e para aumentar a inclusão no Iraque. Assim, os EUA adotaram uma estratégia de promoção da democracia mantendo uma política de não-intervenção militar. (OBAMA, 2015) Interpretando essa abordagem dos EUA, nos olhares estadunidenses o Iraque ainda é um fator desestabilizante por provocar o terrorismo por conta da exclusão política, por isso, ainda é carente de apoio. Essa estratégia é importante por incluir o contexto particular do país e identidades diferentes. Assim os EUA passou a ser um observador dando uma maior atuação para os iraquianos e permitindo a reação do povo sobre o processo de democratização que para Rustow, pode criar espaço de reconciliação para os iraquianos enfrentarem com problemas do país.

Na NSS de 2017 declarada pelo governo do Trump, se alinha mais com as NSS de 2002 e 2006 onde a identificação dos Estados “inimigos” como Irã e intervencionismo para manter segurança nacional são elementos mais acentuados e a unilateralidade nos interesses e a universalidade dos valores americanos são bem paralelos a NSSs de Bush. A abordagem dos EUA para o caso de Iraque é limitada a questão de terrorismo. Neste aspecto, mais do que a democratização do país iraquiano, a estabilidade do país e a parceria no combate contra o terrorismo são pontos destacados durante a NSS de 2017 (TRUMP, 2017).

Como pode se observar durante diversas épocas com diversas estratégias, a abordagens ao Iraque e a importância da sua situação democrática demonstrou mudanças profundas. Com a abordagem de Bush, a qualidade da democracia no Iraque passou a ser uma questão de segurança nacional, por criar espaço para surgimento dos grupos terroristas. Assim, o intervencionismo para democratização foi visto como legítimo. Nas abordagens de Bush e Trump é possível perceber a aproximação unilateral, direta e sem considerar o contexto iraquiano. Neste sentido, as questões de identidade e possíveis reações da população são desconsiderados sendo focado nos valores estadunidenses e poder militar. Por isso, nesses

governos a metodologia de democratização do Iraque é mais simplista e diminutiva, porém, o contexto é complexo. A abordagem do governo de Obama é relativamente mais ciente do contexto iraquiano e leva em consideração as questões como crise da identidade e inclusão e exclusão identitária. Neste sentido, a democratização do país possui um lado mais social. O Obama deixa claro que sem tirania de Saddam Hussein, o Iraque será melhor, porém, critica a uma democratização militarizada e aponta a necessidade de deixar o processo para iraquianos. (OBAMA, 2009)

3.2 Opinião Pública Estadunidense

A opinião pública sobre o Iraque a partir de 11 de setembro é bastante variado, mas, em geral, mais voltada para intervenção e situação das tropas no Iraque, em lugar de situação democrática do Iraque e a democratização. Mesmo assim, é um dado importante por refletir a opinião da população sobre a metodologia adotada pelos governos dos EUA no caso do Iraque.

Segundo as pesquisas de CBS News e New York Times no início do primeiro mandato do Bush, existia uma opinião significante (63%) em favor de utilização dos meios diplomáticos para resolver a crise entre dois países. A intervenção militar não era rejeitada, porém, uma parte significante da população acreditava a necessidade de achar evidências concretas e priorizar os meios diplomáticos. (CBS NEWS, 2003) Segundo as pesquisas da Gallup, a opinião em favor da guerra se mantinha dominante desde a crise política começou entre dois governos. (SAAD, 2002)

Depois da guerra começar, segundo PEW Research Center (2003), em torno de 60% da população se posicionou em favor da intervenção militar para tirar o governo de Saddam Hussein do poder. Durante a intervenção militar, a aprovação da guerra demonstrou uma queda e críticas sobre a guerra e a sua legitimidade foram levantadas. De acordo com CBS, no ano de 2004, 59% do povo afirmou que a situação do Iraque e as armas de destruição em massa foram alegações exageradas para legitimar a guerra. A quantidade da população que não considerava o Iraque como uma ameaça contra EUA aumentou de um modo significativo. (ROBERTS, 2004)

No mês do agosto de 2004, ainda no primeiro mandato do Bush, segundo *The Washington Post*, 67% dos estadunidenses começaram a acreditar que o governo entrou na guerra com Iraque baseada nas suposições erradas. Assim, Bush começou a perder confiança

gradual e aprovação do governo pelo povo que aumentou extremamente depois de 11 de setembro demonstra uma queda quase estável nessa época. (GALLUP, 2009)

Em 2006, no segundo mandato de Bush, de acordo com CNN, a aprovação do povo pela intervenção demonstrou quedas significantes e gerenciamento da guerra se tornou alvo de críticas. A população começou a ter um posicionamento contra a guerra, sendo 67% e uma parte significativa se posicionou em favor de uma retirada imediata das tropas, sendo 54%. Como nessa época a violência sectária no país iraquiano começou a aumentar significativamente, o povo começou a perder sua confiança em cumprimento das promessas do governo sobre a situação do Iraque. (CNN, 2006) De outro lado, segundo New York Times de 2007, a maioria dos estadunidenses apoiam a continuação da guerra no Iraque até atingir alguns objetivos, mesmo tendo uma visão negativa sobre a guerra e a situação do Iraque. Neste sentido, o povo estadunidense até esse momento não perdeu sua confiança totalmente sobre a metodologia de intervenção e sobre uma possível melhoria, considerando que 38% acreditavam legitimidade da intervenção, enquanto 58% alegava que EUA precisavam ficar fora do Iraque. (SUSSMAN, 2007) Paralelamente a NYT, segundo PEW Research Centre, no mesmo ano, 56% estava querendo que as tropas voltassem para EUA e a parte que considera a intervenção militar como desnecessário demonstra aumento no ano de 2008. (PEW RESEARCH CENTER, 2008)

No primeiro mandato de Obama, a opinião pública se consolidou mais no posicionamento contra a intervenção no Iraque, considerando que nessa época 62% dos questionados acreditavam que a guerra foi desnecessária e essa opinião estava sendo compartilhado por conservadores também. A decisão de retirada das tropas, de acordo com *Washington Post* foi apoiado pelo 78% dos estadunidenses. (CRAIGHILL, 2011) De outro lado a estabilidade no Iraque ainda era um grande ponto de interrogação quando surgiu o pensamento de retirar as tropas. De acordo com Shadid (2010) a retirada das tropas foi uma decisão tomada de acordo com a demanda popular estadunidense e não porque o Iraque estava pronto para se governar. De acordo com um artigo no *Time* onde é alegado que a opinião pública não deveria ser considerada nas questões de segurança nacional, é afirmado que a principal expectativa do povo estadunidense do segundo mandato de Obama é ser menos intervencionista criando uma pressão sobre o governo. Segundo o artigo, como a democratização é um critério da segurança nacional considerando a teoria de paz democrática não pode ser largado de mão. (ROSNER, 2014) Ou seja, segundo Rosner na questão de democratização, a opinião pública perde sua relevância. De outro lado, sem apoio popular nas decisões governamentais como seria possível estabelecer a legitimidade democrática na

implementação dessas decisões? Como isso afetaria a coerência da própria ideia de democratização? Não causaria um afastamento entre a metodologia e a própria legitimação da metodologia? Neste sentido, o posicionamento do povo se torna uma questão relevante como fator legitimador. Em torno dessa ideia, segundo um questionário voltado para entender o que a população estadunidense pensa sobre o resultado da intervenção, 52% do povo estadunidense afirmou que os EUA não conseguiram atingir os objetivos definidos na época pré-guerra, e 37% afirmou que atingiram. Esses dados refletem a grande queda de confiança em atuação dos EUA no Iraque, que era mais positiva antes da guerra. Na percepção estadunidense apesar da queda de Saddam Hussein e fim das ameaças que vêm do seu governo, os EUA não atingiu aos seus objetivos de estabilizar e democratizar o país, pois, o resultado da intervenção foi desestabilizante e caótico no país. (PEW RESEARCH CENTER, 2014)

Neste contexto, a opinião estadunidense sobre a qualidade da democracia e democratização do Iraque demonstraram mudanças com tempo. Antes da intervenção, existia um apoio significativo para mudança no contexto iraquiano através da intervenção, por incluir fatores ameaçadores para segurança nacional dos EUA. Durante a guerra, fora dos acontecimentos como captura de Saddam Hussein, esse apoio continuou diminuindo e, na atualidade por uma boa parte do povo a intervenção dos EUA no contexto iraquiano é um fracasso. (PEW RESEARCH CENTER, 2014) Neste sentido, os EUA não necessariamente contribuíram para democracia, estabilização ou transformação social do Iraque, na opinião pública estadunidense.

Além disso, desde início da guerra no Iraque, surgiram diversas alegações de manipulação do conteúdo sobre a guerra e essas alegações apontam aos três principais canais de mídia que apresentaram maior conteúdo sobre a guerra em comparação aos outros, sendo *Fox News*, *MSNBC* e *CNN*. Entre esses canais de mídia, *Fox News* se tornou dominante pouco depois do início da guerra. (FRIEDMAN, 2003) *Fox News* e *MSNBC* compartilhava mesmo discurso conservador, por isso, o maior conteúdo era oferecido do jeito “nacionalista”. (SCHIFFERES, 2003) Além disso, de início até depois da guerra, diversos jornais incluindo *LA Times* (VAN RIPER, 2003), *Fox News* (DE LEON, 2015) e diversos outros como *MSNBC*, *CNN* e *BBC* (MARTIN, 2003) foram criticados por manipular o conteúdo, esconder as realidades da guerra e por criar uma “media coverage”. Inclusive, a metodologia do *Fox News* foi considerado como "Perilously close to propaganda". (DE LEON, 2015) A opinião pública enfrentou uma manipulação midiática e, neste sentido, sua perspectiva foi limitada ao

um olhar nacionalista e unilateral sobre a guerra. Essa limitação é tratada com as seguintes palavras na fala da então jornalista do MSNBC, Ashleigh Banfield: (MOLINE, 2003)

We didn't see what happen when Marines fired M-16s. We didn't see what happened after mortars landed, only the puff of smoke. There were horrors that were completely left out of this war. So was this journalism? Or was this coverage?

Depois dessas palavras, Banfield enfrentou com certas limitações no seu trabalho e afastamentos da sua posição, concedidos pelo gerenciamento do MSNBC. (DUMAS, 2017) Neste sentido, as notícias não necessariamente refletiam o lado iraquiano da guerra e uma parte significativa da mídia se tornava um instrumento de propaganda para ganhar a aprovação popular pela guerra. Por isso, a opinião pública sobre a guerra é bastante unilateral e não necessariamente está relacionada com as questões relacionadas à realidade iraquiana. Essa limitação da opinião pública dificulta ter um posicionamento saudável sobre o processo de democratização do Iraque e fica restringido ao andamento da guerra. Porém até o final da guerra, apoio popular só diminuiu de um modo estável e os motivos da guerra foram questionados causando cada vez uma maior desconfiança sobre a atuação do governo.

3.3 Opinião Acadêmica Estadunidense

Diferente das opiniões políticas e públicas sobre a democracia, democratização e seus efeitos no Iraque, a opinião acadêmica estadunidense é bastante abrangente. No início da invasão, diversos acadêmicos se posicionaram sobre a possibilidade de democracia no Iraque, trazendo vários tipos de argumentação para seus posicionamentos que contribuem para esclarecimento da situação atual.

Pouco depois da invasão, apontando para opinião pública estadunidense positiva e os discursos de comprometimento do governo de Bush, Byman e Pollack traz um olhar positiva sobre o cenário futuro do país iraquiano. Mesmo tendo desvantagens contra estabelecimento da democracia no país, através de um acompanhamento e apoio necessitado pelo Iraque não é impossível considerando que os EUA já têm experiência sobre a democratização. Dde outro lado, no texto dos autores, é citado Adam Garfinkle quem possui uma abordagem mais cauteloso sobre as possíveis reações negativas do povo iraquiano. Garfinkle traz um olhar baseada em impossibilidade da democracia no Iraque onde existe uma forte fragmentação social, problemas de segurança, desestabilidade e a alta possibilidade da tirania da população xiita em um caso de estabelecimento da democracia. (BYMAN; POLLACK, 2003)

Existem opiniões que explicam a situação atual e o peso enorme da separação firme entre grupos sociais e ausência de vontade de encontrar em um ponto comum domina essas opiniões. No ano de 2005, levando em consideração a atuação do governo de Bush no Iraque, Liora Lukitz afirma que a divergência, identidades peculiares e diferenciados dentro do país dificulta a governança dos povos integrantes do contexto iraquiano criando um problema de legitimidade para os governos e a representação dos povos se torna uma questão altamente problemática. (LUKITZ, 2005) Assim, interpretando o ponto trazido pela autora, existe um afastamento natural entre governos políticos e o povo no Iraque. A cultura iraquiana e sua distância a valores democráticos são outro fatores levantados frequentemente elaborando o caso do Iraque. Neste assunto, Eric Davis afirma que isso é uma abordagem diminutiva e simplista. O autor levanta nacionalismo, pluralismo e união que os iraquianos conseguiram estabelecer, além da participação política e justiça social durante sua história em certos acontecimentos como revolução de 1920, independente de religião e etnia. (DAVIS, 2005) Adeed Dawisha em paralelo a argumentação de Eric Davis, aponta ao período de 1921-1958 quando as práticas de pluralismo político e representação política institucionalizada ganharam pal: (DAWISHA, 2005) Ou seja, enfrentando com problemas específicos na sua história a população iraquiana criou a noção de nacionalismo por meio de pluralismo e união entre indivíduos que representam identidades diferentes conflituosas na atualidade. Considerando que a união nacional é um dos fatores necessários para desenvolvimento da ideia da democracia, não foi impossível de atingir e conseguiu uma abertura para diversas identidades dentro da população reconhecendo cada um como “iraquiano”.

No ano de 2007, Stephen Zunes já considerou a tentativa de democratização do Iraque como um projeto fracassado trazendo críticas para o governo de Bush. O autor afirmou que a preocupação do governo Bush não foi a democratização, mas sim interesses políticos e econômicos dos EUA na região. A democratização nunca foi um objetivo do governo de Bush, considerando a metodologia implementada no processo de democratização na época pós-invasão. Considerando a política de democratização do governo Bush, para Zunes, a intervenção foi um ato de uma invasão e uma tentativa de implementar as instituições estadunidenses em lugar de buscar criação de um sistema adequado para realidade iraquiana. Essa abordagem causou maior destruição social e político no país e destruiu a própria imagem da democracia através da metodologia implementada, violando direitos humanos de milhares de iraquianos. (ZUNES, 2007) Larry Diamond traz um outro aspecto, afirmando que a intervenção para democratização do Iraque foi necessária, porém, insuficiente ou ineficiente. Para Diamond, a invasão foi mal planejado e especialmente a implementação da democracia

no país foi realizada sem algum modelo pré-definido que seria coerente com o contexto do Iraque, por isso, o governo de Bush é responsabilizado pelo conflito interno e desestabilidade pós-invasão. (DIAMOND, 2007) As implementações realizadas pela governança foram considerados como fatores que prejudicaram a balança social entre as diversas identidades e, conseqüentemente, provocaram os conflitos étnicos, religiosos e sociais. (CORDESMAN, 2006) Neste sentido os tentativos de democratização do governo do Bush causou um desequilíbrio social entre identidades e considerando o contexto atual, uma radicalização nas relações entre essas diferentes identidades. Neste aspecto, de acordo com a abordagem de Cordesman, a democratização foi interpretada como um deslocamento no posicionamento social de algumas identidades e por isso a reação foi a radicalização entre grupos sociais. Esse cenário pode ser observado no caso dos sunitas e exclusão deles dos mecanismos de tomada de decisão. (CORDESMAN, 2006)

Chegando no ano de 2009, no governo de Obama, no mundo acadêmico as opiniões negativas sobre as políticas dos EUA no Iraque não demonstrou uma diferença significativa. Beetham, além de trazer críticas para metodologia de democratização, considera a democratização do Iraque como um caso peculiar que possui suas próprias dinâmicas sensíveis para levar em consideração, que não necessariamente foi levado nas políticas implementadas para democratização. O autor considera o processo de democratização e atuação dos EUA nesse processo como um fracasso, especialmente em questões de segurança nacional, guerra contra terrorismo e também estabilização do país iraquiano além de espalhar as ideias democráticas para a região. (BEETHAM, 2009)

Outro acadêmico estadunidense, Ned Parker considera o Iraque no seu artigo “*Iraq We Left Behind*”, como um Estado quase falido que além de não conseguir atender com as básicas demandas do seu povo, está sofrendo de tendências altamente autocráticas na política e está longe de ser um país democrático. (PARKER, 2012) Trazendo uma crítica forte à metodologia de democratização no país conduzida pelos governos dos EUA, Ottoway e Kaysi apontam a fraqueza de tentativos de imposição de um regime por um poder estrangeiro contra a vontade e cultura dominante no país. Nesse sentido apontam para fator cultural e relações de poder no país como uma resistência contra valores democráticos. (OTTOWAY; KAYSI, 2012) De outro lado a situação para Davis não é simplesmente cultural e baseado em uma contradição entre valores diferentes. O cenário atual de democratização fracassada e desestabilidade sócio-política no país é desenvolvido com tempo, com efeito dos governos autocráticos além do governo baathista, os governos mais atuais. Davis traz dois fatores principais que estabelece a desestabilidade na atualidade do país, sendo, primeiramente

Estado rentista e, conflito étnico no país. Segundo Davis, a riqueza de petróleo conseguiu manter o país unido mas criou uma relação dinâmica complexa entre o elite iraquiano que várias vezes conflituosa. Especialmente o conflito entre curdos e governo central é observável, porém, também existe um conflito entre governo central e elites xiitas e sunitas regionais em diversas partes do país por um maior controle sobre recursos de petróleo. Assim, própria riqueza de petróleo estabeleceu clivagens dentro do país. Desse modo, o autor junta os aspectos económicos, sociais e políticos com objetivo de explicar o conflito entre identidades, desestabilidade aprofundada e fragilidade de legitimidade dos governos no país.

De outro lado, para diversos autores da academia estadunidense como Davis e Hinnebusch a democratização do país iraquiano é possível, mesmo sendo no longo prazo por incluir fatores de transformação social e mudança na cultura política. Porém é necessário estabelecer um espaço para criação da democracia naturalmente de acordo com as peculiaridades do contexto. (DAVIS, 2015) Davis aponta para a experiência de democracia que o povo vivenciou na sua história, e explica que ao lado do efeito negativo do Saddam Hussein sobre a população iraquiana existe outras experiências positivas. Assim, esclarece que a situação atual não é um estranhamento dos valores democráticos que os iraquianos estão enfrentando. Na época pré-baathista a sociedade iraquiana junto com suas instituições políticas representava uma tendência de democratização social e política incluindo cooperação entre diferentes identidades. Neste sentido, a memória democrática do povo iraquiano na época antes do sistema baathista era forte e estava se consolidando em torno de diversos acontecimentos como a greve geral de 1931, “Wathba - Grande Salto” de 1948 que derrubou o governo de Salih Jabr através de protestos pacifistas praticadas por um conjunto de xiitas, sunitas e curdos. (DAVIS, 2004)

Considerando esses aspectos levantados sobre democracia e democratização, pode se dizer que o mundo acadêmico está consciente da situação do Iraque e levanta diversos pontos como contexto histórico do país, seus contatos com a democracia no passado, as influências do governo baathista, conflitos atuais e suas possíveis explicações, questões de exclusão e inclusão política e possíveis motivações da desestabilidade atual. Neste sentido, possui uma abordagem mais coerente sobre situação no Iraque por tentar considerar o contexto como um todo. Questão de identidade é reconhecida e elaborada. Existe uma preocupação voltada para influências de democratização e a qualidade da democracia sobre as identidades no Iraque que é altamente relevante, considerando sua capacidade de interpretação do contexto e, também, de reação. Em torno da ideia de reação, por exemplo, é apontado ao agravamento da divisão dos grupos sunitas da população depois de ficarem mais excluídos dos mecanismos de tomada

de decisão e desequilíbrio social causado pelas implementações pós-invasão que são pontos desconsiderados pela abordagem política. Por isso, olhar acadêmico traz o criticismo para atos governamentais no Iraque e acentuam o assunto de identidade como um ponto que requer seu entendimento mais profundo.

3.4 Conclusão

Entre as diversas aproximações citadas a cima, existem pontos em comum e incomum. Antes de tudo, cada opinião se encontra no ponto de necessidade da democratização do Iraque, por motivos como segurança e estabilidade. Porém, a dúvida da abordagem acadêmica é: como é possível realizar isso? De outro lado a abordagem governamental, sendo mais específico, abordagem do governo de Bush é por meio de uma intervenção militar, pois, a aceitação dos valores democráticos americanos é um processo natural. Porém, como a maior preocupação é segurança nacional e intervenção militar, dentro das opiniões políticas e públicas, a questão de identidade é secundarizada neste processo de democratização no país iraquiano. Neste contexto, a desconsideração observável da questão de identidade e suas possíveis reações em frente do contexto, na aproximação política, segundo a abordagem acadêmica, levou o cenário iraquiano para uma situação mais grave libertando as identidades oprimidas durante décadas e o ódio acumulado neste período de perseguição. (DIAMOND, 2007) Por sua vez, a abordagem acadêmica estadunidense, diferente de outras abordagens, levando em consideração o contexto iraquiano como um todo e trazendo uma abordagem social, cultural, política e histórica, traz explicações para quebrar esse olhar unilateral e simplista da abordagem política e reconhece a complexidade do contexto iraquiano e a necessidade de levar em consideração as peculiaridades do contexto. Assim prioriza a questão de identidades e dinâmicas dentro da sociedade para entendimento da processo da democratização. Neste sentido, a diferença principal entre as opiniões acadêmicas e políticas é metodológica, e não sobre o objetivo.

4 DEMOCRACIA NAS PALAVRAS E AÇÕES NO IRAQUE

Neste capítulo, o foco principal que será dominante e definirá o desenvolvimento desse último parte do estudo, é levar em consideração os acontecimentos sobre a democracia e democratização de um olhar iraquiano. Como o tema do estudo é entender as principais influências da democracia sobre a construção da identidade iraquiana, o olhar próprio dos iraquianos sobre acontecimentos e mudanças no país se torna uma fonte altamente relevante e essencial para o trabalho por não apenas refletir os pensamentos e opiniões do povo, mas também, através de uma abordagem interpretativa, perceber os impactos que os processos de democratização deixaram nas mentes dos iraquianos. Ou seja, o que os conceitos de democracia e democratização evocam nas mentes dos iraquianos? Como que os iraquianos veem o sistema democrático? Como essa percepção impacta o resto da cadeia de influência no sistema democrático do país? Os principais impactos da qualidade da democracia que possui seu efeito sobre formação da identidade são positivos ou negativos?

Em torno dessa ideia geral, no primeiro momento, será trago a abordagem política com objetivo de entender as tendências políticas no país, e as opiniões sobre a democracia por meio de interpretação dos discursos políticos e as políticas públicas implementadas em diversos governos. Em seguida, será desenvolvido um estudo sobre a opinião pública iraquiana sobre a democracia no Iraque, e finalmente, uma opinião acadêmica iraquiana com objetivo de entender a abordagem da parte intelectual da população iraquiana.

4.1 Democracia e Identidade para Elite Governamental Iraquiana

Com maior duração de governança, Saddam Hussein e seu legado no país que formou e continua formando a história sócio-política iraquiana, são questões indispensáveis para entendimento das dinâmicas que governam o país na atualidade. (BALAGHI, 2016)

No surgimento de Saddam e na sua dominância firme no país, o partido baathista e sua base ideológica intensa construída durante o tempo possui um lugar especial, pois, próprio partido baathista adotava um discurso de democracia para criar um apoio popular que se tornou base populacional de Saddam futuramente. Além do discurso de democracia, o partido seguiu uma estratégia de doutrinação do povo para espalhar a visão baathista e, conseqüentemente, “baathização” do povo. Assim, o partido consolidando sua autocracia, demonstrava essa baathização como um processo saudável de orientação mental. (BENGIO, 2002)

Neste contexto, apesar de ter um discurso poliárquica, sistema baathista era altamente autocrata e exclusão e inclusão eram ferramentas utilizadas sistematicamente em favor do partido para consolidar a posição na política nacional. É importante ver também que a sociedade e sua identidade eram alvos da propaganda partidária considerando a doutrinação e baathização. O partido estava colocando seus valores e raciocínio e estava criando uma identidade ideal em torno da sua própria ideologia, que é pessoa baathista. Essa situação estava definindo as relações de acordo com esses interesses partidários dentro da sociedade criando uma dualidade: baathista e não-baathista; confiável e não-confiável; patriota e inimigo possível. Assim, em torno da ideia do fluxo de influências, a política começou a definir a identidade e relações sociais, incluindo baathistas e excluindo e demonizando não-baathistas.

Além da doutrinação, a “violência revolucionária” era um abuso do uso legítima da força por Estado que estava sendo utilizado contra a oposição com objetivo de pressionar identidade não-baathista. Desse modo, o uso legítimo da força se tornou um aparelho para exercer vontade de governantes e a violência se consolidou como um meio justificado para oprimir a própria população enraizando essa violência na sociedade e estabelecendo uma cultura de violência. Segundo um jornal iraquiano, a violência e uso de força se tornaram elementos profundamente admirados por iraquianos de qualquer nível considerando sua justificação feita pelo governo. (BENGIO, 2002) Considerando esses pontos, na época baathista ser diferente se tornou um motivo para legitimar perseguição e existe uma tentativa de criar uma identidade baathista mostrando essa identidade como “iraquiana”, criminalizando outras tendências sócio-políticas utilizando discurso de pluralismo e união.

Saddam Hussein assumiu o poder quando o partido baathista começou a consolidar sua hegemonia. Hussein levou essa hegemonia mais para frente utilizando uma imagem democrata em lugar de adotar democracia diretamente nos seus discursos e realizou reformas no sistema governamental estabelecendo parlamento com autoridade limitada no país. (BENGIO, 2002) Foi criado um modelo de constituição em que definia o país como república popular democrática e eram acentuados os critérios liberais, porém essas liberdades foram limitados por suas compatibilidades com ideologia baathista. (IRAQUE, 1990) Ou seja, essas ações foram estratégicas para mostrar Saddam como um democrata original e não necessariamente ocidental. (BENGIO, 2002)

Neste contexto, a democracia estava sendo filtrado por partido e Saddam, para controlar apoio popular e canalizar esse apoio para ideologia baathista. Neste processo, o baathismo estava se tornando um valor dominante que abrange pluralismo, nacionalismo e identidade nacional. Assim, além de definir a identidade e valores, o conceito de baathismo

estava ganhando um aspecto dogmático eliminando a possibilidade de oposição e, conseqüentemente, diferentes identidades que não são baathistas.

A metodologia de implementação e abordagem da democracia no governo Saddam também possui suas peculiaridades, pois próprio Saddam alega que a centralização de poder no sistema governamental não é contraditória com democracia. Além disso, também acentua que o poder que deriva da democracia exige seguimento de ordens com uma paixão e precisão maior. (HUSSEIN, 1977) Ou seja, de acordo com Hussein, a democracia e centralização de poder não entram em conflito quando essa centralização for feita em nome da democracia. Essa afirmação poderia ser entendida como uma centralização legítima considerando que a centralização deve ser equilibrada com os valores democráticos. Mas, considerando que o questionamento, crítica de decisões e atos e sugestão de decisões e atos alternativos são pontos essenciais de uma democracia por fornecer uma inclusão maior de diferentes interesses e uma poliarquia com maior representatividade, o seguimento de ordens com maior precisão e paixão para atingir a potencial completa da democracia representa uma lacuna em relação aos valores democráticos básicos ou um ponto que não é compatível completamente com a democracia.

Neste sentido, a democracia está sendo abordada com um outro modo de raciocínio onde é a própria democracia possui uma tendência autocrática por estabelecer uma relação vertical entre tomadores de decisão e aqueles que são influenciados por decisões ou responsáveis para segui-las, excluindo questionamento dessas decisões, causando uma maior exclusão e menor representatividade. O maior problema nesse raciocínio é que essa afirmação está sendo feita por um líder político que se mostra como democrata, pois, considerando que a democratização é feita como uma reação provocada por contexto presente, própria reação se torna um ato ilegítimo, anarquista e contra valores citados pelo governo do Saddam. Assim, além da oposição e identidades diferentes, os caminhos para uma possível reação foram bloqueadas através do discurso. Como pode democratizar um regime, pluralizar uma governança ou criar uma identidade includente iraquiana se governo, nos seus discursos, representa tudo isso? Ou seja, a própria democratização foi condenada sistematicamente por ser um anarquismo e traição a nação.

Sobre este mesmo ponto, é possível levantar um outro discurso do Saddam Hussein sobre a democracia e liberdade de expressão, mais especificamente, o papel da mídia em um sistema democrática. Segundo Saddam, a mídia é uma ferramenta importante para conscientização do povo e por isso possui um papel essencial para regime político. Neste sentido, a mídia, sua orientação saudável e supervisão é uma responsabilidade de elite

político. (HUSSEIN, 1977) Ou seja, Saddam reconhece o papel e a importância da mídia. De outro lado, a atenção que precisa ser prestada para o fluxo de informações para atingir esse objetivo é responsabilidade de todo mundo e aponta a necessidade de guiar e orientar a mídia. A mídia precisa passar pela fiscalização do governo para realizar seu papel com maior eficiência possível.

Considerando esses pontos, é possível dizer que em nome de uma democracia definida pelo governo de Saddam mídia também precisa cooperar com o governo para atingir a capacidade “máxima” da democracia. Ou seja, segundo governo, a democracia é um objetivo do partido para atingir junto com identidade iraquiana e todos os outros instrumentos sociais, econômicos e políticos precisam servir para este objetivo. Como isso é um objetivo legítimo e justo, a mídia também precisa cooperar e uma rejeição dessa cooperação é se contrair com os valores positivos. Sendo baseado em uma identidade baathista que não todos os iraquianos se identificavam, porém é uma identidade obrigatória para união nacional segundo o partido, os sonhos de baathização e conseqüentemente a própria identidade iraquiana no Iraque sempre foram presos a uma exclusão sistemática.

Considerando essa interpretação da democracia, centralização de poder e exclusão sistemática, a democracia foi formulada e utilizada para possibilitar a perseguição em massa. A existência de diferentes ideias foram permitidas se forem compatíveis com a ideologia do partido baathista. Assim, além de limitar o pensamento fora da linha, também foi construída uma nova imagem ditatorial para a democracia. Neste sentido, os mecanismos de democratização foram eliminados ideologicamente e as possíveis reações nessa direção foram firmemente fechados. Além disso, a criação de um ambiente necessário para o povo enfrentar com seus problemas e buscar resolvê-los por meio de reconciliação foi impossibilitado por governo eliminando a presença de diferentes ideologias e identidades dentro do povo e a participação do povo nos mecanismos de poder. Assim, oferecendo um certo nível de estabilidade no país, o governo baathista fechou os caminhos para uma democratização.

Em seguida, a ausência de governança em 2003 que começou com a invasão do Iraque pelas forças de coalizão, estabeleceu um ambiente de caos dentro país que levou a sociedade iraquiana a aprofundamento dos problemas existentes e escondidos durante o governo do Saddam. Com desmobilização das forças de segurança que foi adotada como um política inicial para prevenir as reações possíveis contra as forças de coalizão, permitiu a criação de um período de estado de natureza social, econômico, político e jurídico liberando qualquer tipo de ato de violência, além de causar a perda de trabalho de 400.000 famílias para se sustentarem. O plano radical de retirada do baathismo da população, primeiramente criou uma

esvaziamento de cargos no mecanismo de governança causando a uma lacuna grande no sistema político. Neste sentido, não apenas o governo baathista foi retirado do poder mas também o Estado Iraquiano se tornou incapaz de governar, ou seja, própria instituição do Estado foi derrubada.

Posteriormente, em 2003 foi inserido um governo provisório pelas forças de coalizão sem participação dos iraquianos para re-construir o próprio país iraquiano utilizando os recursos de petróleo do Iraque. Os vínculos do governo provisório das forças de coalizão com o povo iraquiano eram fracos e não conseguiam implementar políticas eficientes para reconstrução do país e do sistema político democrático. Sendo contrário disso, o sistema foi estabelecido sem uma conexão forte com o próprio povo e suas características e com objetivo de trazer equilíbrio o governo provisório criou o sistema sendo baseado em divisões sectárias que acentuou a rivalidade entre diferentes grupos sectários. De acordo com o relato do *Arab Commission for Human Rights et al*, isso era uma estratégia de “dividir para reinar” (ACHR *et al*, 2007) Ou seja, de acordo com o relato durante o governo provisório da coalizão, o objetivo principal não necessariamente era implementar um sistema duradoura e compatível com as demandas do povo iraquiano. Neste sentido, os processos de estabelecimento de um novo sistema também possuía aspecto de exclusão do povo iraquiano dos processos de tomada decisão e aumentar a rivalidades que não é tão longe do governo de Saddam e seu baathismo, por realizar a implementação da democracia através de um conjunto de valores estadunidenses, e não iraquianos. Como um resultado disso, a primeira eleição política no país não conseguiu contar com uma participação completa do povo iraquiano, especialmente a participação de uma quantidade significativa dos sunitas no país, como uma consequência da política radical da retirada do baathismo da sociedade iraquiana que causou exclusões. (ACHR *et al*, 2007)

Interpretando este ponto, pode se dizer que a exclusão sistemática do governo de Saddam foi derrubada, de outro lado, continuou com outro governo, metodologia e alvo diferente. Em nome da democratização, essa nova exclusão provocou uma nova onda de fragmentação social, sem demonstrar uma grande diferença do governo de Saddam. A violência estrutural inserida por Saddam Hussein através dos conceitos como democracia, pluralismo e identidade iraquiana era desconsiderada na construção da democracia no período pós-guerra. Como isso poderia afetar o processo de democratização no país? Segundo Pratt, uma transição política necessita paz sustentável, e para isso conflito precisa acabar e os fatores que alimentam o conflito devem ser excluídos. Citando Johan Galtung (1990), Pratt afirma que a violência estrutural se baseia em desigualdades sociais, e em um transição

política pós-conflito, a necessidade principal é trazer uma igualdade maior para impedir surgimento de violência pré-conflito. Essa necessidade obriga mais do que uma democratização apenas institucional. (PRATT, 2005) Ou seja, paz é um pré-requisito primordial para democratização e precisa atingir para todos as esferas, além da esfera política, pois, a violência pode penetrar para estruturas sociais e culturais deixando suas marcas. Assim a eliminação da violência se torna processo básico para uma cultura sólida de democracia. No caso do Iraque essa necessidade é ainda maior por a população vivenciar um regime de pressão durante mais de 30 anos que deixou suas influências profundamente. Porém, as políticas implementadas pelo governo provisório da coalizão estava longe de terminar a violência nas ruas, além da violência estrutural. Segundo Pratt, essas políticas foram fontes para violência estrutura tendo efeitos negativos sobre identidades, provocando uma fragmentação ainda maior e dificultando estabelecimento de uma identidade nacional. (PRATT, 2005) E de novo, essas políticas estava sendo implementado em nome da democracia e identidade iraquiana.

Na sua pesquisa feita no ano de 2006 antes da eleição de Al-Maliki, Beehner aponta que Al-Maliki é um candidato relativamente adequado para o posto do que outras opções, porém, não necessariamente é um candidato que possui capaz de resolver os problemas enfrentados pelo país, especialmente na questão de uma inclusão maior. Al-Maliki possui uma postura forte em favor dos grupos xiitas e contra sunitas, considerando sua identidade xiita e atuação política no partido xiita no país. Assim, foi considerado que ele pode aumentar o conflito sectário. (BEEHNER, 2006) Ou seja, a postura política de Al-Maliki, apesar dos compromissos de inclusão, não encaixava com uma governança inclusiva. Em diversos períodos e em várias experiências, a atuação de Al-Maliki estava baseada na sua identidade xiita e como um resultado disso, ele poderia provocar uma nova onda de fragmentação no país, especialmente entre sunitas e xiitas. A identidade xiita de Al-Maliki e sua atuação política são fenômenos que nessas primeiras experiências de democracia depois do partido baathista, poderia quebrar as esperanças de democratização, ampliando a tendência de radicalização.

Depois da primeira eleição realizada no Iraque em um cenário conflituoso, (ACHR *et al*, 2007) Al-Maliki assumiu o poder com uma promessa de representação sem excluir a população dividida do Iraque e com essa promessa foi visto como um líder capaz de resolver os conflitos aprofundados no país. Ele se tornou presidente com aprovação parcial de diversos grupos, como curdos, xiitas e sunitas. Em torno do seu discurso inclusivo, foram adotados políticas públicas para inclusão dos diferentes grupos para atingir a reconciliação entre essas

identidades que formam o cenário no país. Foi um tentativa do governo implementar um diálogo pacífico entre grupos para consolidar as relações positivas. Como um resultado dessas implementações a violência dentro do país demonstrou diminuição. (NAUMANN; FRACZEK, 2014)

De outro lado, de acordo com a análise feita pelo BBC, o governo estabelecido por Al-Maliki era bastante frágil e foi resultado de um longo período de negociações. Além disso, o discurso de diversidade adotada pelo governo era uma necessidade para atingir um nível de legitimidade obrigatória. Essa fragilidade começou a se demonstrar em um primeiro momento nas ações internas do governo, colocando os membros do próprio partido para posições importantes e afastando aqueles que não faziam parte do partido. Os processos de retirada do baatismo do país que continuavam no governo do Al-Maliki foi um outro fator que fragilizava o governo por atingir as pessoas que não necessariamente tiveram um contato direto com partido baatista. Considerando que o contexto do país não possuía uma imagem de estabilização por conta da presença das tropas dos EUA e dos conflitos com Al-Qaeda e outros grupos radicais, o cenário político estava em uma época delicada. Neste sentido, as políticas baseadas no discurso de inclusão não foram duradouras. (BBC, 2014)

Junto com conceitos como reconciliação, democratização, pluralismo e união, a democracia era uma elemento utilizado frequentemente pelo governo de Al-Maliki nos discursos, especialmente como um objetivo nacional para alcançar. O ex-presidente acentua o conceito de democracia como um meio para atingir ao nível de união desejada no país, porém, também chama atenção para desafios enfrentados no caminho de democratização do país e para opositores do sistema democrática. Além do terrorismo presente no país, o governo de Saddam é responsabilizado por estabelecer uma boa parte dos problemas, especialmente econômicos no discurso do Al-Maliki. De outro lado, o terrorismo no país neste primeiro mandato de Al-Maliki é mostrado como um obstáculo em frente de democratização e acentuado como fator que provoca a fragmentação sectária. As seguintes palavras do ex-presidente mostra essa questão com uma profundidade maior: (AL-MALIKI, 2009)

Now we're going through a constitutional and organizational state. All the challenges that we really face, and the main one was the security. And as you may know, the terrorist umbrella came to Iraq and really occupied Iraq, in the sense of making it busy and in order to put Iraq backwards. [...] And when really the terrorism took over, because Iraq was destroyed from the past. And based on this, they found a nice -- a good forum for them to work in Iraq. And due to that, they created -- tried to create sectarian war and also, things related to religions. And we are working towards enforcing democracy. And these are the main pillars for building Iraq. And all sects, the nationalism, all are respected in Iraq. And all -- the democratic path, we had some memorable days and elections, and we had four major elections in

Iraq. And in peril, we had the process of rebuilding Iraq in the parliamentary system. Democracy in Iraq is a unique democracy in the region. The democracy confronted severe objection from the region in Iraq and in the regional states. And in order to protect the democratic process in Iraq, we had to build professional systems.

Neste sentido, a democracia e democratização no discurso do Al-Maliki é considerado como, além de ser uma metodologia para modernização e progresso, um critério essencial para união do país e também como uma base de um Estado “constitucional e organizacional”. No discurso as diferenças religiosas que são utilizadas para provocar conflito interno por diversos grupos no país, não são questões de separação e são bem vindos. Neste contexto, a democracia é visto como um fator harmonizador entre essas diferenças. Diferente do governo de Saddam Hussein, o sistema parlamentar não é visto como um instrumento imperialista e ocidental, contrário disso, é um sistema profissional que consolida o sistema político dentro do país. Neste sentido, em um primeiro olhar, a herança de violência, fragmentação identitária e exclusão de Saddam não aparece diretamente no governo de Al-Maliki.

A fragilidade do governo e diferença entre discurso e prática começou a se demonstrar de um modo mais claro no segundo governo de Al-Maliki, especialmente com retirada das tropas estadunidenses a partir de 2011 o que causou uma lacuna de segurança no país e levou o governo para tomar decisões mais duras em diversos momentos durante a governança. Al-Maliki começou a utilizar força contra sua população, especialmente contra protestos acusando os manifestantes no país por serem terroristas. Nessa mesma época o vice-presidente Al-Hashimi que é um sunita, foi acusado de apoiar terrorismo e foi forçado para fugir do país. No ano de 2013, na Haweeja 40 sunitas foram executados sem algum processo jurídico por acusação de ser terrorista. (NAUMANN; FRACZEK, 2014)

Como pode ser observado, o uso da força contra protestos por serem atos de terrorismo são considerados como legítimo. Essa situação pode ter as influências do contexto onde existe um certo nível de radicalização e dificuldade de resolver os problemas inter-sectárias. Porém, a abordagem da situação com um discurso que mostra os protestos como atos contra os valores democráticos e contra o Estado Iraquiano é uma metodologia utilizada pelo governo de Saddam para dominar a oposição e legitimar seus atos de violência. Neste sentido, o terrorismo que era visto como um obstáculo em frente da democratização se tornava um aparelho para legitimar a perseguição e a perseguição, começou a ganhar um aspecto sectário onde os grupos como sunitas se tornam alvos. Principalmente as execuções em Haweeja e perseguição de Al-Hashimi como um político de alto nível sunita, provocou a uma perda de credibilidade de discursos de inclusão e demonstrou o governo como um opressor dos sunitas. Como um resultado disso, essa perseguição, especialmente sobre grupos

sunitas levou o cenário de fragmentação ao uma radicalização forte que conseqüentemente promoveu um profundo enraizamento do grupo Estado Islâmico no país. (NAUMANN; FRACZEK, 2014)

As práticas de perseguição continuou até o final do governo de Al-Maliki, causando mudanças no discurso parcialmente. Em um dos seus discursos como presidente do país, o presidente negou abertamente seguir uma política menos sectária e mais inclusivo em um dos momentos em que a insurgência sunita continuava ganhar poder no país junto com Estado Islâmico. Neste discurso, o ex-presidente considerou as demandas de estabelecer um governo mais inclusivo como um tentativa de eliminar a democracia recém-nascida do país e também uma demanda contra a vontade popular e opinião dos eleitores. Ou seja, o discurso de democracia não enfrentou com alguma mudança, enquanto o discurso de inclusão demonstrou uma mudança drástica. (BRADLEY; KESLING, 2014)

Neste sentido, a violência estrutural contra diversas identidades conseguiu se manter presente no país nos governos da coalizão e de Al-Maliki, trocando o alvo e metodologia, porém mantendo o discurso de democratização. Neste sentido, o discurso da democratização como um fator de legitimação dos atos de violência criando uma parte e conjunto de atos ilegítimos definidos pelo governo, foi um fator para identificar o que ou quem é bem ou mal no país. Considerando que a interferência das políticas sectárias e étnicas na agenda política do país, essa identificação se baseia, muitas vezes, em essas diferenças. Ou seja, própria democracia e democratização nessa época se torna uma máscara que legitima os atos de exclusão sectária. Nessa época é possível observar um ambiente onde os representantes de diversas identidades enfrentando com os problemas do país porém a vontade para estabelecer reconciliação entre diferenças é bastante fraca e essa fraqueza se demonstra como um fator politicamente desestabilizador no país.

No governo de Haidar Al-Abadi que assumiu o poder em 2014, o cenário político no país estava carregando o peso das políticas implementadas por Al-Maliki. O terrorismo era um dos maiores problemas enfrentados pelo novo governo como no governo anterior, porém, Al-Abadi sofreu uma pressão maior internacional e interna para adotar políticas públicas inclusivas. Al-Abadi, como um líder que apesar da sua identidade xiita, não necessariamente um seguidor de Al-Maliki e suas políticas baseadas em questão de identidade. Essa característica dele foi um critério que aumentou a confiança em seu governo. The Century Foundation, considerando ele como “*everybody’s darling*”, afirmou que Al-Abadi é visto como uma esperança para a estabilidade no país que enfrenta problemas de conflito sectário. (LUND, 2018) Ou seja, de acordo com Lund, Al-Abadi possui uma imagem positiva, porém,

o cenário enfrentado ainda é bastante delicado e baseado em questões de identidade qual necessita uma política de equilíbrio entre essas diferentes identidades.

Antes e depois da eleição do presidente Al-Abadi as vitórias contra grupo terrorista Estado Islâmico continuaram com estabilidade e isso foi um dos fatores que aumentou a legitimidade e aprovação do governo dele. De outro lado, o legado dos governos anteriores sobre fragmentações e políticas sectárias se manteve presente no país, mesmo o país sendo em um processos de mudança profunda. No início do seu governo, o presidente realizou tentativos de estabelecer um governo com maior inclusão e para atingir a alguma mudança, essa inclusão precisava superar os desafios identitários, além de legitimar e equilibrar diferentes focos de poder. Exatamente por conta desse desafio, a inclusão é um problema presente no país e provocado negativamente por diversos governos durante a história. No governo do Al-Abadi, a dependência do país sobre as questões essenciais como segurança era alta e essa dependência era baseada em atuação de diversas identidades no país, como movimento de Sadr, representado pelo líder xiita Muqtada As-Sadr. Neste sentido, mudanças e reformas no país são altamente dependentes de aprovação desses grupos. Em torno dessa situação, as políticas de inclusão também enfrentaram com essa mesma dificuldade no governo do Al-Abadi. (BTI, 2018)

No ano de 2016, os discursos de inclusão intensificaram ainda no governo do Al-Abadi e em torno desse discurso o presidente propõe um novo gabinete para seu governo que seria mais inclusivo e tecnocrata. Essa situação criou uma onda de críticas direcionados para o governo, de diversas partidos incluindo o partido do Al-Abadi, por não esclarecer suficiente como que essa reforma ia acontecer. De acordo com Al-Amin, consultor do ex-primeiro-ministro Dr. Ayad Allawi, a inclusão tem dois interpretações no Iraque: a inclusão política onde governo precisa escolher seu gabinete de todos os grupos maiores dentro do congresso ou governo precisa incluir todos os grupos étnicos, religiosos e sectários proporcionalmente. Em qualquer jeito, é difícil de chegar a um sistema inclusivo sem ter uma distribuição étnica e sectária. (AL-AMIN, 2016) Ou seja, cada governo que ganha uma eleição precisa compartilhar o poder atingido com representantes de outras identidades. Isso, além de aumentar a inclusão na governança dificulta os processos de tomada de decisão e implementação. Mesmo sendo democrático pela aparência, de acordo com Al-Amin essas metodologias de inclusão vão criar uma distribuição de poder de acordo com a identidade. Neste sentido, uma inclusão assim, não necessariamente levou a uma representatividade consolidada, e os discursos de inclusão desde 2005 não mudou a marginalização e discriminação social. A representação das identidades específicas e seus interesses no

congresso em lugar de representação nacional e demonização de oposição continuaram criando autocracia de certos grupos no aparelho governamental. (AL-AMIN, 2016)

Ou seja, o compartilhamento de postos entre identidades é uma metodologia que não estabelece uma cooperação entre identidades diferentes baseado em inclusão, mas sim reflete uma competitividade que leva ocupantes desses postos para continuar a representar a identidade de que faz parte e como um resultado dessa situação cria uma política de interesse identitária, além de limitar a meritocracia. Como o autor também afirma, a metodologia de inclusão adotada não conseguiu eliminar exclusões e marginalizações, mas sim, levou o jogo de poder entre identidades de nível social para um nível político em nome de “inclusão”, demonstrando a violência estrutural. Apesar da existência de tentativas de criar sistemas para inclusão, a fraqueza dos sistemas, os interesses estabelecidos socialmente das identidades no sistema e a violência estrutural deixam as iniciativas frágeis ou inaplicáveis.

No governo de Al-Abadi é possível perceber um senso de responsabilidade maior voltado para estabelecer políticas públicas mais includentes do que Al-Maliki e existe um maior vontade para utilizar o ambiente para reconciliação de problemas, neste sentido, o desenvolvimento democrático parcialmente conseguiu se mostrar com uma presença maior neste governo específico. De outro lado, o peso maior dos interesses e violência estrutural em frente das instituições e valores democráticos, impede um maior desenvolvimento. Como um resultado disso um desejo de maior inclusão política do governo de Al-Abadi é limitada, pois, falta confiança em instituições democráticas considerando esse peso maior dos interesses particulares. Neste sentido, como a representação política funciona baseado em identidades e interesses particulares, o sistema política se torna uma área de polarização sistemática, e não necessariamente reconciliação. (BTI, 2018)

Concluindo, pode ser observado que no Iraque a partir de fundação do Estado, já estava presente os discursos de democracia e democratização, especialmente a partir do regime baathista. Neste sentido, de um modo direto ou indireto, os políticos iraquianos possuíam um contato com esses termos. De outro lado, a utilização desses termos nos discursos políticos não estava encaixando com os significados e estava sendo criado novos significados para termos de acordo com o interesse e autonomia dos governos, muitas vezes tendo uma prática contrária aos valores próprios da democracia. Essa distância entre os significados reais e estabelecidos, se demonstrava de um modo claro nas práticas governamentais, porém, os discursos baseados em significados reais dos conceitos e práticas baseadas em novos significados, estava sendo utilizado para uma legitimação artificial dessas práticas. Como um resultado disso, as legitimações estavam criando, politicamente e também

socialmente, as padrões de bem e mal; legítimo e ilegítimo; amigo e inimigo; patriota e traidor. Considerando que as diferenças étnicas e sectárias ocupavam uma posição forte na balança de poder política, essa classificação ficava intimamente relacionada com essas identidades, sistematizando a exclusão e inclusão política. Pois, é assim que a violência estrutural que é uma reflexão dessas relações e experiências entre diferentes identidades estava ganhando uma base “legítima”, ou seja, através de um discurso político legítimo. Em torno disso, apesar da presença intensa do conceito de democracia e democratização nos discursos, a democratização como um processo de inclusão das diferentes identidades em processos de tomada de decisão e marginalização das tendências ilegítimas, nunca saiu do papel nos tentativos feitos por governos, por criar marginalizações baseadas em uma “caça as bruxas” que é direcionada para oposição com base em um ou mais identidades e é baseada em um interesse particular de uma identidade. Neste sentido, a democratização como um processo de criação de limites para atos marginais e estabelecimento de uma padrão para diferentes identidades conviverem conjuntamente, foi utilizada para legitimar os próprios atos marginais dos governos no país e criar um ambiente para uma identidade fazer parte de processos políticos, eliminando a possibilidade de oposição. Assim, própria política criando exclusões e inclusões estratégicas define sua própria democracia e reflete isso como uma democracia normal. Neste sentido, a utilização da democracia nas mãos de políticos iraquianos e estadunidenses dificultou uma saudável construção da identidade iraquiana, definindo arbitrariamente identidades peculiares para representar a identidade iraquiana como uma toda.

De outro lado, seria muito difícil dizer que não existe nenhum tipo de melhoria no processo de inclusão, considerando a suavização relativa das tendências excludentes, porém ainda fortemente presente, das políticas de identidade baseadas em etnia e religião, especialmente a partir do governo de Al-Abadi. Neste sentido, politicamente falando, o Iraque representa um andamento em direção de criação e consolidação de uma identidade política mais pluralista e inclusiva, mesmo sendo fraco e com tentativas fracassadas.

4.2 A Opinião Pública Sobre a Democracia no Iraque

Como pode ser observado na parte anterior, existem diversas ações na área de democracia e democratização no campo político iraquiano, sendo positivo ou negativo para progresso democrático do país, existe um impacto que essas ações geram no país e para entender esse impacto, o posicionamento da opinião pública sobre as questões de democracia

e democratização no Iraque se torna relevante. Pois, o povo iraquiano que ficou influenciado de um modo direto e indireto desses discursos políticos e políticas públicas implementadas em torno desses discursos, sendo alvo principal da política para convencer ou manipular, seria um ponto de referência para entendimento da eficiência dos governos, políticas públicas implementadas e discursos. As reflexões que o povo gerou em frente dessas ações políticas possui capacidade de esclarecer, além do cenário político, as percepções do povo sobre as questões de democracia e democratização. Além do impacto criado no povo sobre essas questões, o aspecto social e a reflexão da agenda política no campo social se tornam pontos de interesse deste trabalho de pesquisa considerando o lado social da democracia e democratização e sua natureza reacional socialmente desenvolvida em frente de um certo contexto. Neste sentido, as tendências políticas sobre essas mesmas questões em diversos governos, podem ser melhor entendidos reconsiderando esse lado social.

Neste sentido, a época do governo de Saddam Hussein seria um ponto de início, porém, como uma época bastante fechada para o público se expressar e limitada para se posicionar em frente das ações políticas, além de a mídia ser intensamente manipulada e controlada pelo governo, será levada em consideração a opinião pública a partir da queda do governo de Hussein sobre essa mesma época. Pois, maior problema para incluir as opiniões expressadas durante a governança de Hussein é a ausência de expressão crítica voltada para governo por parte da população. O que é mostrado é aquelas afirmações feitas em favor do governo que não carrega uma certeza sobre o motivo atrás da afirmação, considerando a perseguição realizada pelo governo para dominar e desumanizar os tentativos de oposição. De outro lado, a relevância da opinião pública ainda permanece forte para um esclarecimento maior dos acontecimentos. Neste sentido, a opinião pública será incluída sobre este período da governo de Saddam Hussein através das experiências expressadas na época pós queda do governo. Essa metodologia pode se enfrentar com problemas na expressão por incluir uma comparação entre a época vivenciada do governo de Saddam Hussein e a experiência obtida em um dos diferentes governos e por não ser uma expressão direta sobre o governo de Hussein. Porém, isso não necessariamente prejudica o objetivo dessa parte do trabalho que é entendimento do posicionamento da população em frente das ações baseadas em democracia e democratização, pois, uma expressão assim, além de trazer um olhar mais amplo sobre a realidade do país e dos governos, pode enriquecer o trabalho através de uma comparação feita com a própria experiência da população entre diversos governos, discursos e políticas públicas.

Neste sentido, elaborando a opinião do povo iraquiano sobre o governo pré-guerra não demonstra uma variação tão grande. Antes de tudo, é importante ressaltar que a posição dos iraquianos sobre as políticas nacionais a partir de últimos anos do governo baathista até época pós-guerra é baseado em questões de segurança, ou seja, as políticas nacionais desenvolvidas em torno da democracia e democratização não necessariamente principal preocupação nessa época. Pois, a primeira questão que aparece como um desafio na vida dos iraquianos não são questões sócio-políticas, mas sim é o risco de guerra, sobrevivência e segurança. Em torno desse ponto de vista sobre o contexto iraquiano, a democracia e democratização não aparece no primeiro olhar. Pois, criticando o governo do Saddam, o povo Iraquiano demonstra a demanda de se livrar da autocracia e estabelece uma crítica mais voltada para sistema autocrática de Saddam, mas não existe uma opinião clara sobre a necessidade da democracia e democratização. De outro lado, existe um posicionamento comum dentro da sociedade, mesmo sendo de diferentes identidades como sunita e xiita, o governo de Saddam estava popularmente rejeitada, especialmente nos seus últimos anos do mandato. O sistema ditatorial de Saddam era considerada como uma fonte de problema para residentes do país e a necessidade de uma liberdade maior era reconhecida. De acordo com o general Najm al-Jabouri que serviu também na época de Saddam, o povo não gostava da regime, porém em uma comparação entre a vida pré e pós invasão, afirma que o povo poderia achar a vida melhor na época de Saddam (ARRAF, 2018). Próprio general considera o país sob-governança de Saddam como uma prisão onde é limitado as liberdades mais fundamentais como deslocamento e também cita que a expectativa na invasão do Iraque era uma liberdade maior, ordem e secularidade para o país. Essa esperança demonstra o que não foi implementada no governo de Saddam apesar de existir nos discursos dele e o que era ausentes no país que a população do Iraque sentia falta.

Na entrevista feita com Qathem Sherif al-Jabouri, um cidadão iraquiano xiita que sofreu perseguição do governo de Saddam diretamente ficando preso durante 11 anos e perdendo suas familiares, é chamada a atenção para a governança ditatorial contra qualquer tipo oposição. (ARRAF, 2018)

Barham Salih, como um representante da comunidade curda no país iraquiano que foi presidente do governo regional do Curdistão Iraquiano, aponta ao sofrimento da comunidade iraquiana, citando tiroteios em massa contra a comunidade, além dos outros tipos de crimes contra a humanidade. (GOULD, 2013) O sofrimento da comunidade curda no regime de Saddam representa um nível elevado de atrocidade. Além do massacre de Halabja que foi um dos casos mais ouvidos pelo mundo, a comunidade curda enfrentou com diversos atos de

violência pela governança de Saddam que ficaram escondidos do palco internacional até a atualidade, como Barham Salih também aponta.

Como pode se observar, três pessoas de diversas identidades, níveis de educação e contextos do Iraque, de mesmo jeito se posicionam contra o governo do Saddam por diversos motivos, sendo ausência da liberdade de expressão, liberdade religiosa e direito para vida. De outro lado, na obra desenvolvida pela Arraf, é importante perceber um ponto específico, que é nostalgia sobre a época de Saddam. Depois de anos de sistema ditatorial, uma perseguição sistemática, mortes e exclusões sistemáticas, por que os iraquianos sentem “nostalgia” sobre a época de Saddam? Essa situação se esclarece melhor quando é desenvolvido um olhar comparativo entre regime baathista e pós-guerra. Como um xiita e alvo de perseguição do governo de Saddam, Qathem Sherif al-Jabouri afirma que a estabilidade que existia na época de Saddam era uma característica significativa nas vidas dos iraquianos. A democracia e liberdades básicas não existiam no governo de Saddam, de outro lado o que veio em seguida, não construiu um cenário melhor para o país e, contrário disso, a destruição continuou e desestabilidade aumentou. (ARRAF, 2018)

Al-Sallami, como um cidadão iraquiano, em um texto que reflete sua experiência sob regime Saddam e pós-guerra, depois publicado no Business Insider, alega que os piores anos da governança de Saddam foram momentos de crise, quando a economia foi influenciada fortemente pelas guerras e sanções. De outro lado, a invasão piorou o cenário no país profundamente e Al-Sallami explica essa situação como seguinte: (AL-SALLAMI, 2014)

Instead of living safely in poor conditions, Iraqis became somewhat wealthy, but lost all measures of personal safety. Where once they just had one tyrant to be afraid of, now they have hundreds more! Even keeping their mouths shut, which used to keep them safe, didn't help anymore. People were dying for having the wrong religion, place of birth, or even the wrong name!

Paralelamente a Qathem Sherif al-Jabouri, sobre as condições do país no regime baathista, Al-Sallami afirma que o Iraque sofria de uma situação economicamente problemática, porém não existia um problema de segurança igual que existiu pós-guerra causada pela instabilidade política. De acordo com essa afirmação, existiam “regras do jogo” para poder sobreviver na regime Saddam, mesmo não sendo democrático e necessitando uma aprovação total sobre o governo. De outro lado, na época pós-guerra, os iraquianos estavam sofrendo de uma perseguição mais profunda considerando que cada característica identitária era uma outro motivo de ameaça para segurança pessoal, e, conseqüentemente, da população como um todo. Pois, na época de Saddam a diferença era entre identidade baathista e “outros”, na nova realidade, de acordo com essa afirmação, qualquer diferença era um objeto de perseguição e tirania no mesmo tempo.

Neste sentido, o povo tinha consciência sobre a atuação da regime baathista porém, a principal necessidade nessa época era sobreviver e não democratizar o país. Especialmente entre curdos esse cenário era mais forte por serem alvo de perseguição intensamente. Segundo Barham Salih o que os problemas da atualidade não são nem pertos dos problemas no governo Saddam. (GOULD, 2013) Ou seja, as afirmações feitas pelas diferentes identidades como xiitas e sunitas, pode não refletir o que a comunidade curda enfrentou no regime baathista, por isso, apesar de concordar com a questão de sobrevivência como uma necessidade principal da época, a contraste entre atualidade com regime baathista é mais clara de acordo com a comunidade curda. A possibilidade de sobrevivência para algumas identidades era mais alta que outros, porém, o principal interesse foi manter a estabilidade e ordem e o custo dessa estabilidade parcial de alguns grupos era perseguição dos outros.

Levando essa situação para uma escala mais ampla, é necessário observar também as reflexões do contexto pós-guerra sobre a população iraquiana. Pois, as esperanças do povo sobre essa nova realidade que enfrentaram com profundas frustrações no contexto iraquiano criando uma nova onda de crises sócio-políticos que foram pressionados no mandato de Saddam, explica também esse sentimento de nostalgia.

As demonstrações de felicidade na invasão por diversos grupos do Iraque é uma das cenas que ocupou mais as notícias no mundo e no país. A destruição da simbologia do governo autocrático de Saddam, na praça de Al Fardous em Bagdá, criou uma animação especialmente entre xiitas e curdos do país por serem grupos mais sofridos pelo regime ditatorial. Com instabilidades mais graves e violentas da história iraquiana, surgimento de Al-Qaeda e Estado Islâmico e divisão sectária que dominaram o país pouco depois da invasão, essa cena de felicidade não durou muito. (KULLAB, 2018) Ou seja, o desaparecimento do regime de Saddam era um passo inicial para democracia, porém, a invasão levou o país para um forte e rápido aprofundamento das clivagens entre diversos grupos assim que a pressão aplicada por governo Saddam desaparecer. Essa situação, não justifica ou alega de um modo a legitimidade do governo de Saddam, mas questiona a democracia instalada por governo da coalizão.

Essa forte radicalização e demanda pela segurança na época pós-guerra são melhor observadas nos questionários feitos com objetivo de entender a posição pública sobre a situação atual do país. Nos primeiros questionários, de acordo com o relato do Global Policy Forum (ACHR *et al*, 2019), a partir de 2003 os iraquianos se posicionam significativamente contra a presença das tropas estrangeiras no país. Além disso, já no ano de 2004, de acordo com o questionário feito pelo *Independent Institute for Administration and Civil Society*

Studies, é afirmado que possui uma preocupação significativa sobre a questão de segurança, que 59% das participantes iraquianas demonstraram essa questão como principal problema enfrentada no país. As preocupações sobre economia atingiu a 16% e sobre infraestrutura atingiu a 15%. Ou seja, as questões de democracia e democratização nem era um ponto relevante do povo considerando a gravidade da situação da segurança. Enquanto isso, no mesmo ano do mês de novembro até maio, a confiança em Conselho de Governança, que é a instituição responsabilizada por estabilizar a situação no país, caiu drasticamente, de 63% até 28%. Além disso, a confiança em forças de coalizão e a Autoridade Provisória da Coalizão, que possuíam função de fornecer segurança no país e estabelecer o planejamento para reconstruir a democracia no Iraque, estava sofrendo do mesmo problema de desconfiança mais do que Conselho de Governança. Ou seja, próprios iraquianos não conseguiam confiar em instituições responsabilizadas com estabelecimento da democracia, estabilização do cenário no país e criação do ambiente de paz no país. Além disso, são instituições que não foram muito ouvidos pelo povo iraquiano de acordo com a pesquisa. É uma possibilidade que a desconfiança é causada pelo desconhecimento dessas instituições. (IIACSS, 2004)

Em torno dessas informações fornecidas pela pesquisa, é possível perceber o afastamento entre elite político que estabeleceu as instituições democráticas do país, sem tiver um contato significativo com o próprio povo. Então, a base do sistema democrática, considerando que própria democracia necessita participação direta ou indireta, foi estabelecida nessa primeira época pós-guerra sem tiver participação significativa do povo. Neste sentido, a alienação do povo das instituições estabelecidas era parte do próprio processo de democratização, mesmo sendo contraditório. É possível interpretar em frente desse cenário que a democratização não conseguiu atingir para o povo e ficou em um nível entre elites políticos, nessa época de pré-eleições.

Além disso, as instituições estabelecidas pelo governo provisório possuía uma base étnica e religiosa. Isso pode parecer um ato positivo em um primeiro momento, de outro lado para iraquianos isso tinha um outro significado. O escritor iraquiano Sinan Antoon explica o sistema estabelecida como uma institucionalização do sistema de cotas étnica-sectárias e define essa reflexão das fragmentações sociais para política como “tóxica”, citando a ordem corrupta do elite governamental. (ANTOON, 2018) As eleições de 2006 foram realizadas em um ambiente onde esse cenário conjunto de elementos de sistema de cotas, insegurança causada pelos conflitos de identidade e desconfiança em instituições era dominante, que deu resultado para um afastamento dos sunitas do cenário político, como Cordesman aponta. (CORDESMAN, 2006). Essa situação, além de fragilizar as eleições, também prejudicou as

esperanças positivas sobre o futuro. Porém neste primeiro momento não zerou as expectativas positivas sobre o futuro.

Com o novo governo estabelecido pelo Nouri Al-Maliki pós-eleições de 2006, a opinião pública demonstrou diferenças em certas questões e em outras não. Sobre a presença das tropas no país, segundo a pesquisa do World Public Opinion realizado no ano de 2006 a parte maior do povo pensava que a presença das tropas influencia a segurança e conflitos étnico-sectários negativamente e uma retirada poderia melhorar o cenário no país significativamente. Também existe uma expectativa positiva sobre a capacidade de tropas nacionais para lidar com a questão de segurança no curto prazo. (WPO, 2006) Ou seja, três pontos relevantes que chamaram atenção nessa pesquisa; aumento nas expectativas da capacidade militar e policial nacional; aumento na rejeição das tropas estrangeiras e pensamento sobre a provocação dos conflitos internos por tropas estrangeiras. O povo chegou a pensar que sem tropas estadunidenses o governo central poderia se consolidar melhor no país e a presença das tropas prejudica a legitimidade do processo de democratização.

Por sua vez, sobre o próprio governo de Al-Maliki existem opiniões positivas. De acordo com a pesquisa, majoritariamente os iraquianos concordam em necessidade da presença de um governo central forte. Essa opinião popular traz um certo nível de legitimidade para governo e melhora as expectativas do povo sobre futuro além de fornecer uma aceitação popular grande do governo. Segunda a pesquisa, maior parte de todos os grupos se posicionam contra a uma tendência de confederação onde os vínculos entre diferentes identidades seriam mais fracos. De outro lado, sobre forças de milícia que é utilizado por um tempo significativo pelo governo de Al-Maliki como principais forças de segurança, existem diferenças opiniões, por exemplo os curdos e xiitas demonstravam uma forte confiança enquanto sunitas acreditavam que as milicias precisam desarmar e que um governo central forte precisa se livrar das milícias. (WPO,2006) Isto é, o apoio dos sunitas pelo governo de Al-Maliki dependia da atuação do governo sobre as forças de milícia. Acentuando que as forças de milícia são majoritariamente xiita, esse posicionamento dos sunitas são baseados em a questão de segurança identitária. Pois a ocupação desequilibrada dos aparelhos de segurança poderiam ser problemas para segurança de diferentes identidade nessa época, por conta da radicalização identitária pós-guerra. Ou seja, a complexidade nas atitudes ainda é uma questão de poder expressada como segurança de grupos e exclusão e inclusão nos aparelhos define as atitudes profundamente e também confiança no governo de Al-Maliki.

Até o ano de 2010, as expectativas da população como um todo diminuiu drasticamente. 57% da população afirmou que o país está indo em uma direção errada e maior parte de 3 maiores grupos do país concordaram com esse posicionamento. Apesar de demonstrar melhoria em comparação aos anos anteriores, o maior problema ainda era considerado como questão de segurança, e em seguida os serviços básicos e desemprego são contados como principais problemas enfrentados pela população. De outro lado, a corrupção governamental surgiu como um dos maiores problemas e 15% da população apontou ao este problema específico como principal. Diferente da melhoria na questão de segurança, a 66% da população iraquiana afirmou que o problema de corrupção piorou em comparação aos anos anteriores. Lembrando que, de acordo com Al-Maliki o terrorismo e os conflitos eram fatores que criavam os problemas do país, porém, de acordo com o povo, uma boa parte dos principais problemas enfrentados são responsabilidades do governo de Al-Maliki. Sobre problema de segurança, 63% da população aponta para primeiro ministro como responsável da situação. Sobre falta de serviços básicos 44%, sobre desemprego 33% e sobre questão de corrupção 43% da população alegava que Al-Maliki causava. Além disso, dentro da população existiam dúvidas sobre as instituições do Estado e o trabalho desenvolvido em favor da população, mas entre essas instituições o parlamento representava foco de desconfiança relativamente maior, considerando que 56% da população não estavam confiando em essa instituição específica e duvidava sobre o benefício do trabalho desenvolvido pela instituição. (IRI, 2010)

Neste sentido, existem diversos fatores que levou a população para desconfiar em aparelhos do Estado, especialmente pela sua ineficiência de resolver os problemas, especialmente de segurança como um problema compartilhado por diferentes identidades. Apesar de ter melhorias, a utilização de milícia para resolver questão de segurança aumentava a vulnerabilidade de certos grupos e também exclusão. Pois, as políticas públicas faziam os grupos se sentirem sem representação, afastando o povo do governo, especialmente os sunitas. De acordo com as entrevistas feitas com representantes da comunidade sunita, essas políticas públicas causaram uma alienação dos sunitas que o progresso de inclusão desse grupo até então foram destruído. (BOGHANI, 2014)

Neste sentido, diferentes identidades possuíam diferentes percepções sobre a realidade. A segurança dos sunitas pode ser entendido como uma insegurança para xiitas, ou para curdos e vice-versa, também influenciando contexto político que é fácil de observar no governo de Al-Maliki. Como no governo de Saddam, a os mecanismos de governança e segurança eram dominados por sunitas e Al-Maliki foi perseguido pela sua identidade xiita,

ele está fortemente desconfiado sobre a população sunita por conta do legado baathista. (BOGHANI, 2014) Neste contexto, é possível entender as políticas sobre sunitas e exclusão desse grupo pelo governo e assim o afastamento do grupo sunita e sua opinião diferente fica mais fácil de compreender. Os curdos não foram tão diferentes dos sunitas, pois, mesmas promessas de inclusão feitas para sunitas, não foram cumpridos no caso de curdos. (BOGHANI, 2014) Em lugar disso, o interesse de poder atingiu a um nível maior e definiu as relações inter-grupais e, apesar de diferentes grupos sofrerem dos mesmos problemas e desconfiança sobre o governo, o afastamento do povo da política continuou sistematicamente, enfraquecendo os próprios governos. Pois, o afastamento dos curdos e sunitas, basicamente provocou uma agitação que influenciou todo o Iraque causando forte crença de ineficiência dos governos independentemente da identidade, como possível observar nas pesquisas de opinião. Neste sentido, é difícil pensar cada identidade separada de um outro, pois, insegurança e desconfiança de um ou mais se espalha para outras levando o país inteiro para uma instabilidade.

Como a atuação do governo não demonstrou uma mudança grande até o final do segundo mandato, a tendência da opinião pública sobre o país também não mudou significativamente. Nos últimos meses do ano de 2014 antes da eleição, de acordo com questionários do Gallup, nas regiões majoritariamente xiitas, a aprovação do governo perdeu pouco apoio. De outro lado, entre sunitas a aprovação do governo caiu drasticamente e no ano de 2014 apenas 30% da comunidade sunita estava aprovando o governo de Al-Maliki. Por sua vez, entre curdos essa taxa ainda é menor, sendo 12%. No país como um todo, 54% aprova o governo. (CRABTREE, 2014) Porém, a aprovação parcial não consolida a opinião pública em favor do governo. Pois, os problemas do país ainda não foram resolvidos e permaneceram forte na agenda política e social. De acordo com a pesquisa da *National Democratic Institute* (NDI) no mesmo ano, 65% dos iraquianos afirmaram que o país está indo numa direção errada e maiores problemas que precisam ser resolvidos com urgência são segurança (48% - especialmente contra o terrorismo), corrupção (43%) e serviços básicos (37%). (National Democratic Institute, 2015) É importante perceber nesta análise que os problemas permaneceram quase desde início do governo Al-Maliki, porém, em frente de situação precária e a ineficiência da atuação do governo para resolver os problemas, aprovação do governo não demonstrou uma queda paralela.

De acordo com a pesquisa da Mercy Corps, quando Haider Al-Abadi assumiu o poder, em torno das expectativas positivas sobre a nova governança, o cenário no país mudou relativamente. Com essa mudança, os grupos diferentes esperaram um enfraquecimento das

políticas sectárias e uma inclusão maior. Segunda a pesquisa, especialmente essa expectativa positiva sobre o novo governo diminuiu o apoio drasticamente para grupos armados e radicais. Ou seja, o relato chama a atenção para questão de diferenças sectárias e mostra um governo includente como a solução para problema de segurança, o que faltava no governo de Al-Maliki. De outro lado, a expectativa popular não é suficiente para melhoria no país: precisa atuação. O governo de Al-Abadi começou a perder apoio popular neste ponto, apesar de ter um discurso e prática baseada em inclusão, pois, o governo não conseguiu mudar a situação significativamente no país, que causou protestos não-violentos contra corrupção, falta de serviços básicos públicos e sectarismo, diminuindo a confiança pelo governo. (PROCTOR; TESFAYE, 2015)

Em uma outra pesquisa feita em 2015 pela National Democratic Institute, baseada em entrevistas realizadas com líderes religiosos, de tribos, movimentos e comunidades no Iraque, as reflexões e demandas são interessantes por estabelecerem um caminho de solução coletivo para problemas do país. De acordo com a pesquisa, a reconciliação sócio-política é ferramenta central para melhoria no país e existe uma demanda do lado desses líderes, porém, a falta de vontade política de fornecer uma reconciliação assim é um grande desafio pois, quem possui poder de mudar o cenário atual de acordo com esses líderes são políticos e quem sofre desse cenário é o povo. Em frente de uma reconciliação saudável, segundo líderes, existem 3 fatores: políticos corruptos; tendência de dividir o país de acordo com identidades; interferência externa. (NATIONAL DEMOCRATIC INSTITUTE, 2015)

Ou seja, as diversas partes da população, sendo sunita, xiita, curdo e outros, compartilham uma consciência significativa de reconciliação que oferece oportunidade de estabelecer uma identidade iraquiana, o que não foi conseguido através das políticas públicas dos governos que o Iraque teve, segundo pesquisa, por causa de interesses pessoais. Neste ponto, essa pesquisa de NDI e MercyCorps apontam para uma questão similar onde a solução é encontrada na atuação de governos do Iraque com bom senso estimulando para reconciliação. É importante lembrar nesse momento sobre a reconciliação como um pré-requisito para democratização que é trazida por Rustow. Neste caso, a reação do povo para democratização se forma como uma demanda para reconciliação onde políticos também precisam fazer parte, através do poder de influência que possuem. Ou seja, apesar de não ser tão consolidado esse desejo público no ambiente político, o povo iraquiano tem consciência própria sobre necessidade de tomar passos em direção de democratização, por meio de reconciliação que é visto pelo povo como solução para fragmentação entre diferentes identidades.

A maior frustração enfrentada em cada novo governo se baseia em uma questão parecida de não atender com as demandas do povo sobre segurança, ordem, corrupção, desemprego e acesso a serviços básicos. De outro lado, a ineficiência política para atender com essas demandas por propósito, na questão de políticas sectárias, ou pela insuficiência de recursos, permaneceu em cada época criando um afastamento entre o povo e governos e diminuindo a possibilidade de democratização no país. A demanda de reconciliação é um ponto de partida significativo tanto para democratização e inclusão quanto para um dos maiores problemas enfrentados pelo país, criando uma aproximação entre identidades sub nacionais. Porém, inicialmente, essa demanda necessita uma aproximação entre elite político e o povo. Maior questão é qual das partes se aproximará para outro e como fará isso.

4.3 A Opinião Acadêmica Sobre A Democracia No Iraque

Existem várias opiniões que explicam a situação atual do Iraque, porém existe um consenso. Nesse primeira fase, é importante ressaltar que existem várias opiniões que explicam a situação atual do Iraque e maior parte dessas opiniões está em consenso sobre um aspecto específico que é o peso enorme da separação firme entre grupos religiosos, étnicos e raciais na política. Essa situação que fragiliza os governos, também aumenta a desconfiança e cria uma sensibilidade radical entre grupos. Mais importante de tudo, impossibilita uma identidade “iraquiana” e cria um ambiente de exclusão constante entre grupos por conta do sentimento de ódio fornecido pela exclusão. (HADDAD, 2014) Por isso, a fragmentação dentro da sociedade iraquiana cria um ciclo vicioso entre exclusão, ódio e conflito. De acordo com Bapir, a situação da democracia no Iraque pode ser explicada com seguinte frase: *“Yet in Iraq, the matter is not associated with the kraitian [the rule and its system] but rather with the demos [the people].”* (BAPIR, 2010. p. 119) Considerando que a sociedade do Iraque é um conjunto de várias fragmentações étnicos e religiosos como Curdos, Turcomanos, Xiitas, Sunitas e maioria das vezes esses grupos não são unitários, a questão de união desses grupos se torna a um desafio grande.

A democracia, nessa luta entre divisões da população, é um ambiente conflituoso baseado na balança de poder onde perseguição por parte que assume o poder é comum. Por isso para as minorias, a democracia significa que o poder é compartilhado com outros e para maioria a democracia é uma ordem onde ela pode exercer sua ditadura legitimamente. (BAPIR, 2016) Nesse sentido centralizar o poder e manter status quo em favor de um grupo

pertencido, ou seja, identidade se tornam objetivos principais para conseguir a superioridade no conflito entre fracções.

No caso de fortalecimento da exclusão de algumas partes específicas, existem autores que responsabilizam alguns grupos da sociedade iraquiana como Shiitas e sua política de diáspora (KADHUM, 2018) e algumas partes dos Sunitas e suas políticas radicais contra outras etnias. (MANSOUR, 2016). Para outros autores como Haddad, essas políticas de exclusão também possui seus raízes em uma escala internacional e políticas do poder entre Arábia Saudita e Irã. (HADDAD, 2016) Em qualquer maneira, esse contexto alimenta um ambiente de desconfiança, e, conseqüentemente, um ambiente de exclusão constantemente entre grupos.

Considerando os critérios citados em cima, é necessário perguntar os raízes dessa exclusão constante e fragmentação. Sempre foi assim? Senão quando e com qual objetivo surgiu?

De acordo com Hanna Batatu, é um dos sociólogos mais respeitados no Iraque, a abertura de Canal de Suez como fator que deu início a fragmentação da sociedade em classes sócio-econômicos com influências externas. Para ela, liberalismo econômico se implementou na região de uma maneira muito rápida, porém, liberalismo político não fez parte desse processo, por conta da aproximação entre burguesia iraquiana (que poderia um ator revolucionista democrática) com autoridades locais. Assim, fragmentação começou primeiramente sendo baseado em liberalismo econômico que não se refletiu para política e estabeleceu uma estratégia de proteção do status quo entre classes sócio-econômicas. De acordo com autora, essa situação até hoje definiu as fragmentações e conflitos entre elas. Porém, essa abordagem para explicar a realidade iraquiana, foi negada e criticado pelo uma parte significativa dos acadêmicos. (AL-OBAIDY, 2018) De outro lado, a teoria de conflito entre hadara e badawa, ou seja, a cultura urbana e cultura rural ou entre as pessoas que vivem nas cidades e nas partes rurais, de Ali al-Wardi, apesar de ser muito criticado também, apontada como uma teoria que explica a situação atual do país através das dinâmicas internas da sociedade. (KHOURY, 2018) Influenciado por Ibn Khaldun, Al-Wardi apontou que as tensões no país iraquiano são sempre foram um resultado do conflito entre essas duas culturas e essa relação que formou o país iraquiano até a atualidade. De acordo com a teoria do Ibn Khaldun que aplicada para a realidade iraquiana por Ali Al-Wardi, para desenvolvimento o principal questão é a presença de “*asabiyya*” que pode ser traduzido como capital social dentro da sociedade. Porém nos tempos de crise, o conflito entre essas duas culturas se mostra com maior destaque e leva a sociedade, civilização ou Estado para uma decadência no

sentimento de *asabiyya*, junto com as instituições. (COX, 1992) De acordo com Al-Wardi, esse conflito entre duas culturas não desapareceu na realidade do Iraque e ainda continua formar o cenário atual do país criando um ambiente de instabilidade sócio-política e influenciando a *asabiyya* dentro da sociedade negativamente.

De outro lado, Dr. Jaafar Najm Nassr considera o surgimento de fragmentação e instabilidade, nos tentativos de união e criação de uma identidade iraquiana nos primeiros anos da fundação do Estado que desrespeita a valores culturais e religiosas. Como não existia uma identidade iraquiana na formação do Estado Iraquiano, surgiu tentativos de criar essa identidade artificialmente. Para mostrar isso, o acadêmico chama atenção para as palavras do Rei Faisal que é fundador do Estado Iraquiano: (SALLOUM, 2013. p. 240)

In this regard, I say while my heart is full of sorrow that Iraq has not had an Iraqi people yet; rather, there are imaginary human clusters of no national ideas but with traditions and religious untruths that have nothing in common. They are wrongdoers, prone to anarchy and ready to rise against any government. We therefore want to form a refined, trained and educated people out of these clusters...

Essa situação não foi diferente em várias outras épocas. Porém o regime baathista foi um ponto histórico que formou o ódio entre fracções em nome de modernização do Iraque para estabelecer uma identidade iraquiana tentando assimilar qualquer tipo de característica peculiar. Essa situação criou um certo nível de ódio contra aos discursos baseados em “identidade iraquiana” pois esses discursos estavam escondendo uma tentativa de atacar para oposição tentando eliminar a legitimidade delas através de um questionamento sobre pertencimento ao Estado-nação, ou seja, identidade nacional. A questão de inclusão e exclusão se torna altamente sensível em um discurso assim, pois, no Iraque identidade subnacional é mais forte que identidade nacional. Neste sentido, qualquer oposição pode se tornar alvo de uma exclusão identitária e no final uma identidade subnacional pode se tornar a referência nacional desconhecendo qualquer outro tipo de identidade criando um efeito normativo sobre povo. (HADDAD, 2014)

Nesse sentido, os grupos dentro do Iraque foram excluídos de uma maneira sistemática com objetivo de estabelecer um Estado e sociedade iraquiana. Como um resultado dessa situação, fragmentações surgiram com um discurso de ódio contra outros grupos e contra o próprio Estado Iraquiano. A ideia de união e pluralismo dentro do Estado foram considerados como processos de assimilação dos valores culturais, religiosos e étnicos.

Ná época da pós-invasão, essa situação não mudou. Única mudança foi sobre ator que exerce a perseguição, ou seja, essa vez em lugar de baathistas sunitas, o governo

provisório e em seguida xiitas começaram a excluir outras minorias em nome de criar democracia, especialmente nos dois mandatos de Al-Maliki. Na época do governo provisório a identidade tribal e sectária começou a ganhar mais importância por conta de estabelecimento de um sistema governamental baseada em identidades e exclusão de diferentes identidades das posições governamentais. Como um resultado disso, as eleições que o povo tinha esperança foi boicotada por minorias sunitas e o sistema criado posterior a eleições não conseguiu fornecer uma inclusão de minorias. Assim, o próprio nascimento do sistema democrático no país se tornou um processo polêmico e excludente. (SAEED, 2015)

Na época pós-eleições de 2006 que Al-Maliki assumiu poder, a mesma situação continuou, prejudicando a legitimidade do governo de Al-Maliki. Explicando essa situação durante o governo de Al-Maliki, segundo Al-Qarawee, a situação instável no país é causada pela democracia fraca e frágil, e especialmente pelas políticas sectárias no país. (AL-QARAWEE, 2014) A ideia de democracia sofreu da invasão e também desse cenário interno. Pois, o discurso da democracia dos EUA causava a um certo nível de dúvida dentro do povo. O povo pensava que os EUA queriam criar sua própria zona de influência no Oriente Médio e próprio governo de Al-Maliki foi um resultado desse projeto. Além disso, as violações cometidas pelas forças armadas da coalizão e iraquianas contra o povo, prejudicou ainda mais a confiança do povo em instituições nacionais e discursos da democracia e democratização. (SAEED, 2015) Esse ponto de vista popular, de acordo com Jabbar e Jameel, instabilizou o cenário político interno criando uma competição para obter o poder e aumentando o conflito sectário (JABBAR; JAMEEL, 2013)

Como um problema já é significativo, a presença de visões negativas sobre a governança no país foi um motivo para o conflito político por poder ao lado da presença forte da violência sectária como uma outra questão que agrava a situação. Zeidon Alkinani considera a formação da vida política baseada em divisões sectárias e a governança no país como um resultado da interação entre identidades. Segundo o acadêmico, o sistema de cota se tornou uma tradição política criando uma relação de poder baseado em identidades e definindo as preferências eleitorais de acordo com identidade. Porém, para Alkinani, isso é um resultado da falta de atores não-sectários no país que possuem mesmo alcance de atores sectários. Assim a política se torna uma arena de identidades pois os votos são definidos de acordo com a identidade subnacional, e não com a identidade iraquiana. A partir de 2003, essa situação define a luta pelo poder político. A política definida de acordo com identidade também chama atenção de países rivais para estabelecer sua zona de influência, desestabilizando o Iraque. Com última eleição o que levou a presidência uma aliança

relativamente mais secular nos seus discursos e aponta para atuação da sociedade civil como uma outra questão promissor dentro do país. Contudo, a forte presença das identidades fragmentadas na política é considerada como um dos maiores problemas em frente de uma democracia para Alkinani. (ALKINANI, 2018)

Ou seja, Alkinani vê o problema na luta entre identidades pelo poder e mostra as tendências que superam as questões de identidade como um desenvolvimento político no país. Neste sentido, a análise de Alkinani não é tão longe do que a demanda de reconciliação dos líderes de diversos grupos de identidade no país. Pois, as tendências seculares e alianças políticas criadas em torno desse pensamento no âmbito político necessariamente são baseadas em um certo nível de reconciliação entre identidades diferentes e Alkinani vê esperança sobre o futuro do país acentuando essa questão.

Nessa questão, existem opiniões que alegam um contexto diferente do que Alkinani. Tratando a queda do partido político xiita que assumiu o poder no país entre 2003 e 2018, Harith Hasan busca a explicação dessa situação na fragmentação da identidade xiita no país e reflexão disso na política, e não em uma reconciliação entre identidades. (HASAN, 2019) Porém de acordo com Alkinani, existem dois períodos na história iraquiana após a invasão que é possível denominar como Iraque sectário e Iraque pós-sectário. De acordo com o autor de 2003 até alguns acontecimentos no ano de 2017 e 2018, pode ser considerado como Iraque sectária, onde os governos atuaram de acordo com motivos baseados em relações sectárias para atingir a maior poder. Porém, essa atuação dos governos não trouxe algum benefício para o país e nem para as identidades representadas, criando um nível forte de alienação entre governo e representado. Neste sentido a fragmentação na identidade xiita apontada por Hasan, pode se tornar uma questão relevante, de outro lado, segundo Alkinani essa fragmentação não necessariamente negativa levando em consideração o período pós-sectária no Iraque que começou nos protestos de 2018. Pois nessa época, as demonstrações sobre a corrupção e a ineficiência dos governos para resolver os problemas do país como situação educacional, econômica e de falta diversos serviços básicos que começaram nas regiões majoritariamente xiitas se espalharam para outras regiões sunitas e curdas como uma causa sendo compartilhada por diferentes identidades. Além disso, durante as demonstrações, os grupos manifestaram apoio e simpatia por protestos de outros grupos de diferentes identidades trazendo um certo nível de harmonia social. (ALKINANI, 2019) Ou seja, o povo demonstrou que possui a capacidade de se unir em torno de problemas que influenciam a nação como um todo, deixando suas identidades subnacionais para um lado. Essa tendência que se mostra como pós-sectarismo no país leva as diferentes identidades para uma união onde as diferenças

são, pelo menos, menos importantes em comparação a problemas enfrentados, afastando do governo e do discurso político baseado em sectarismo.

Neste sentido, a percepção acadêmica iraquiana sobre as questões de democracia, democratização e identidade possui uma abrangência relativamente maior e satisfatória, incluindo análises sobre a atuação dos governos, do povo, e suas percepções sobre a realidade. Assim, elaborando um conjunto de diversos elementos e épocas diferentes que ainda interferem para a realidade ou possuem efeito sobre o contexto do país, o olhar acadêmico iraquiano esclarece diversos pontos sobre democracia, democratização e identidade. Antes de tudo, esse olhar específico traz uma definição sobre as relações entre diferentes identidades que fazem parte da população e interagem entre si, de um modo positivo ou negativo para processos de democratização e estabelecimento de uma identidade iraquiana. As fragmentações que muitas vezes definem a estabilidade do país além da formação de relações sócio-políticas, possuem um efeito significativo sobre os processos de exclusão e inclusão e, conseqüentemente a identidade nacional. Por isso que diversos acadêmicos como Bapir acusam o próprio povo como a fonte dos problemas enfrentados pelo país, e, especialmente sobre a questão de utilizar a política como um instrumento para exercer o poder sobre outras identidades por meio de centralização de poder, criando ainda maior fragmentação dentro do povo. Além disso as abordagens sobre a história do país que não são frequentemente elaboradas por acadêmicos estrangeiros, mas ainda são lembrados por diversos acadêmicos iraquianos, para explicar a questão de democratização e identidade também traz uma maior compreensão sobre o contexto apontando para diversos conflitos internos para conseguir status quo favorável por diversos grupos no país como fator desestabilizante no país.

As diferentes abordagens sobre a criação do contexto e do cenário atual como separação socio-econômica ou cultural com objetivo de explicar as questões de democracia e identidade, ainda representa uma grande relevância, pois descreve as origens das fragmentações no país, e em um segundo momento explica o papel da política nesse ambiente de conflito, esclarecendo melhor a atuação dos governos e a formação do povo e trazendo conceitos como *asabiyya* que estabelece uma crítica sobre a capital social do povo iraquiano.

As metodologias baseadas em assimilação das identidades locais em nome da identidade nacional que foram adotadas por diversos governos do país, pelo mundo acadêmico, são considerados como um outro fator que marcou profundamente as relações entre governos e povo, e dentro do povo as interações entre diferentes identidades, diminuindo o sentimento de *asabiyya*, ou seja, capital social. De outro lado, os próprios

governos como principais implementadores dessas metodologias não são tão alienados da realidade do povo, ou seja, os governos adotaram essas metodologias se inspirando das relações sociais dentro do povo. Considerando o fluxo de efeitos de governo para povo e de povo para governo, os governos além de influenciar o povo iraquiano criando fragmentações e plantar as sementes de violência estruturalizada, não ficaram imunes aos efeitos que vem do povo e de suas fragmentações. Pois, em torno dessas fragmentações que os governos pós-invasão estruturaram suas políticas, para conseguir o apoio da maioria da população. Assim que a estrutura democrática do país e os processos de democratização foram utilizados e usufruídos em torno de fragmentação de identidades. Neste sentido, os acadêmicos iraquianos responsabilizam o povo e os governos simultaneamente pela desestabilidade no país e sobre a falha de estabelecimento de uma democracia duradoura e identidade nacional consolidada. Como Jabbar e Jameel colocaram o cenário no país não é tão bem visto por acadêmicos, considerando os conflitos sócio-políticos e seus influências no processo político. (JABBAR; JAMEEL,2013) De outro lado, dizer que é impossível atingir a um sistema democrático no país seria difícil também. É muito difícil prever o futuro da democracia no Iraque, considerando que a transição ao sistema democrático e consolidação dos valores democráticos são processos dolorosos (KUBBE; ENGELBERT, 2017) pois, muitas vezes, existe um conflito grande de interesses entre aqueles que aproveitam de um poder centralizado e aqueles que sofrem da centralização do poder. Porém, lembrando que existiram lutas por democracia, pluralismo e união na história do país e sinais positivas da atualidade, a impossibilidade de atingir à estabilidade por meio de um sistema democrático é bastante duvidoso e questionável, de acordo com opinião acadêmica.

4.4 Conclusão

As opiniões governamental, pública e acadêmica iraquiana sobre a democracia posicionam diferentemente e refletem diversas esferas da realidade iraquiana, tendo diferentes pontos de vista e interesse sobre mesmo problema enfrentado pelo país que é desestabilidade nacional. As questões de democracia, democratização e identidade se estruturam em torno desse aspecto principal, como uma solução ou problema, dependendo da época e ator que se posiciona em frente dessas questões. Por exemplo, os governos iraquianos possuem uma abordagem diferente sobre essas questões, muitas vezes baseada em interesses próprias em lugar de interesses e demandas públicas, interpretando e utilizando os conceitos para seus benefícios por meio das políticas baseadas em fragmentações de identidade que prejudica

significativamente a noção de identidade nacional. Neste sentido, os conceitos para governos iraquianos servem como fatores de legitimação dos atos de violência, exclusão sistemática criando inimigos e identidades e atos marginais dentro da população, centralização de poder e, conseqüentemente, uma violência estrutural, sendo bem contrário aos significados reais dos conceitos. Por sua vez, o posicionamento do povo em frente de questões de democracia é mais baseada em frustrações e experiências negativas dos governos que possuem discursos de “democracia”, que não conseguiram atender com as demandas básicas do povo que criou uma maior desestabilidade no país. De outro lado, essas frustrações foram fatores que levaram a população iraquiana para se posicionarem conjuntamente independente de diferenças identitárias e para protestarem contra o governo em torno de problemas imediatos compartilhados como falta de segurança, de serviços públicos básicos, de emprego e de uma solução eficiente sobre a corrupção. Como um resultado desse cenário, o próprio povo estabeleceu, mesmo sendo fraco ainda, uma demanda de reconciliação que é um passo crucial para processos de democratização no país e também pode aumentar ou resultar uma aproximação entre governos e o povo iraquiano. A visão acadêmica traz uma maior clareza sobre o cenário atual das questões da democracia e identidade no país, apontando para diversos dinâmicos que formam o país e seu contexto atual, especialmente sobre a relação entre identidades, suas influências sobre governos e democracia do país e o retorno dessa influência para o próprio povo levando em consideração as políticas de exclusão, violência estrutural e centralização de poder. Neste sentido, cada uma das visões sobre atualidade contribui para o esclarecimento da situação da identidade e democracia no país.

Levando em consideração todas essas abordagens, é possível dizer que as questões de democracia, democratização e identidade fazem parte de um modo direto ou indireto da realidade sócio-política atual do país. Porém, junto com as experiências negativas construídas durante o tempo e exploração desses conceitos de um modo que acentua as diferenças identitárias, existe um grande problema de representatividade e certo nível de desconfiança nas instituições nacionais. Essa situação provoca os conflitos dentro do país constantemente, além de diminuir o “*asabiyya*” e leva a fragmentação para um nível ainda mais profundo, diminuindo as possibilidades de democratização e criação de uma identidade nacional. A interação entre o povo e governo baseado em cadeia de fluxo de influência entre esses dois atores, estabelece um ciclo vicioso de violência estrutural onde as relações dentro do povo e do governo constantemente se afetam negativamente e alimentam o aprofundamento de problemas e diminui a vontade de compartilhar o poder entre identidades “rivais”. Assim, o processo de democratização entra numa fase de estagnação onde nenhum dos lados pretende

tomar um passo para resolver os problemas por meio de uma reconciliação. De outro lado, em frente dessa situação altamente negativa para o futuro do país, especialmente sobre o conflito constante sócio-político, existe uma reação das diversas esferas do contexto iraquiano para uma melhoria no país e saída dessa crise, oferecendo diversos tipos de soluções. Neste sentido, além da relativa melhoria nos discursos e ações políticas, a reação dessas esferas, principalmente o povo iraquiano sobre a demanda de reconciliação e de afastamento de políticas sectárias, carrega um certo nível de esperança que é possível perceber nas análises do mundo acadêmico. Ou seja, os próprios problemas causam a uma reação dentro do povo na direção de reconciliação, deixando ao lado as questões identitárias e caminhando em um sentido de identidade nacional para solucionar esses problemas. O alinhamento da esfera governamental com a demanda do povo nesse processo se torna essencial para definir o resultado dessa tendência que pode estabilizar o país criando um ambiente positivo para convivência das diferentes identidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A democracia e democratização em si representam um conjunto de desafios causados pelo contexto, considerando a natureza dos conceitos e possíveis motivos que levam um sistema governamental para democracia ou provocam a democratização. A abundância de motivos e desafios deixa a previsibilidade de uma tendência em direção de democracia bastante difícil. De outro lado, a natureza da democratização e da democracia que possui uma intimidade com a questão de identidade, se baseia a interpretação de um povo específico sobre a realidade e a reação desse povo em frente do contexto, como é possível observar em diversos acontecimentos que foram levantados por teóricos da área. Além disso, como sistema de governança, a democracia possui vínculos fortes com identidades, influenciando e ficando influenciado por elas por meio da sua qualidade que exerce exclusões provocantes ou inclusões satisfatórias, assim, a democracia se torna uma questão que pode ser analisada por meio de identidades, ou próprias identidades e suas relações podem ser analisadas por meio da qualidade de um certo democracia que está na fase de construção ou em um nível avançada. O caso do Iraque nas questões de democracia e identidade é um desafio grande para ambas as análises, considerando o nível de democracia e fragmentação identitária. Porém, a análise baseada em esses aspectos e suas relações tem muito a esclarecer problematizando o contexto ou definindo os problemas enfrentados no aspecto estabelecido por esses conceitos.

Neste sentido, primeiramente, no caso do Iraque é importante perceber um nível internacional apesar dos conceitos de democracia e identidade serem, muitas vezes, fatores internos de um país. Em torno desse pensamento, a democracia do país em si é considerada como um problema de segurança regional e mundial, por países como EUA que levou os EUA para uma intervenção com objetivo de democratizar o país que provocou uma crise sócio-política no contexto iraquiano, pois, a metodologia baseada em secundarização das peculiaridades identitárias do Iraque e priorização das questões de segurança nacional dos EUA, estabeleceu um afastamento natural entre o povo e sistema estabelecida em lugar de uma aproximação “natural” entre o povo iraquiano e valores estadunidenses. De outro lado a falta de questionamento do objetivo de democratização do Iraque e um foco dos questionamentos na metodologia da democratização, limitou a reconsideração da metodologia e do afastamento provocado nesse processo de democratização, ou, o objetivo nunca foi a democratização e a metodologia adotada sempre foi em direção de um outro interesse do ator democratizante. Apesar de um reconhecimento superficial das características diferentes por abordagem acadêmica trazendo maior detalhamento em comparação a abordagem

governamental, sobre os elementos que formam o contexto do país, e mudança na opinião pública sobre a atuação dos EUA no Iraque, o resultado de afastamento entre mecanismo governamental e povo não foi impedido, levou o país para outras tendências de autocráticas, fragmentando as identidades no país e alienou o povo de próprio sistema democrático estabelecido na época pós-invasão. Assim, a identidade iraquiana foi prejudicada por meio de sistema democrática que não conseguiu estabelecer uma representatividade sistêmica satisfatória.

Focando para um nível nacional, as abordagens dos governos, povo e acadêmicos sobre a democracia e identidade oferecem um esclarecimento mais profundo sobre a realidade iraquiana. Nesse nível de análise, as interações das identidades entre si e com governos são refletidas com maior precisão e, neste sentido, as dinâmicas que formam o país são descritas de um modo satisfatório. Nesse nível de análise é possível perceber que a exploração dos conceitos de democracia e identidade nacional sistematicamente baseada em diferenças identitárias a fim de centralizar o poder, formou as relações entre identidades e o uso da democracia no país, como um resultado da influência recíproca entre identidades e governos, além de abaixar o nível de capital social que é um indicador significativo de confiança entre identidades e instituições nacionais. Desse jeito, o andamento da democratização no país entrou em um crise construído por meio de relação entre os fatores de identidade e governo, qual, segundo abordagem público, pode ser resolvido através de uma reconciliação entre identidades diferentes dentro do país. O povo percebe o efeito dessa interação entre identidades sobre os mecanismos de governança, e mundo acadêmico aponta para necessidade de diminuição das políticas sectárias e aumento da representatividade maior, ou seja, uma reconciliação entre identidades diferentes dentro da ambiente político para estabilização do cenário no país. Assim, é possível reforçar que a relação entre identidades e a qualidade da democracia é um dos fatores que influenciam a estabilidade do país, possuindo seus efeitos de construção ou desconstrução reciprocamente. Neste sentido, o papel da democracia e democratização e qualidade desses elementos são intimamente relacionados com a identidade nacional, por criar fragmentações ou uniões por meio de exclusões ou inclusões. Por isso, considerando os diversos usos desses conceitos durante a história atual do país, esses conceitos foram utilizados para formar e controlar a identidade no Iraque, muitas vezes causando a uma exclusão sistemática e centralização de poder. Porém, apesar das experiências de curto prazo de democracia no país durante sua história sendo baseado em movimentos sociais, ainda não foi estabelecido um sistema democrático com uma qualidade satisfatória. Por isso, é difícil de prever os possíveis efeitos de um movimento sócio-político de

democratização no país sobre a identidade iraquiana, porém, sendo contrário dos efeitos de exploração sistemática dos conceitos, a esperança seria uma consolidação da identidade comum em lugar de identidades sob-nacionais. Existem tendências promissoras na direção de democratização que visam reconciliação unindo diferentes identidades e podem estabelecer uma cultura de democracia dentro do povo e no ambiente político criando uma identidade iraquiana que consegue abraçar diferenças religiosas e étnicas.

REFERÊNCIA

- ABDUL JABBAR, Faleh; JAMEEL, Asmaa. *Political parties in Iraq*. Beirut: Al-Mustaqbal Centre for Studies and Research, 2013.
- AL-AMIN, Safwan. *What “Inclusivity” means in Iraq*. 2016. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/what-inclusivity-means-in-iraq/> Acesso em: 23 set. 2019
- ALKINANI, Zeidon. *After all, Iraq’s ethno-sectarian quota remains*. Open Democracy. 2018. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/north-africa-west-asia/after-all-iraq-s-ethno-sectarian-quota-remains/> Acesso em: 24 set. 2019
- ALKINANI, Zeidon. *‘Post-sectarian Iraq’ between theory and practice*. Open Democracy. 2019. Disponível em: <https://opendemocracy.net/en/north-africa-west-asia/post-sectarian-iraq-between-theory-and-practice/> Acesso em: 24 set. 2019
- AL-OBAIDY, Samir Abdul Rasoul. *The formation of modern Iraq: society, culture and domestic and foreign influence*. 2018. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.31430/almuntaqa.1.1.0112#metadata_info_tab_contents Acesso em: 20 abr 2019
- ALMOND, Gabriel Abraham; VERBA, Sidney. *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. 1963. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt183pnr2> Acesso em: 25 dez 2018
- AL-SALLAMI, Wael. *I grew up in Iraq during Saddam's worst days — here's what life was like*. Business Insider. 2014. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/heres-what-life-in-iraq-was-like-under-saddam-hussein-2014-7> Acesso em: 24 set. 2019
- ANTOON, Sinan. *Fifteen years ago, America destroyed my country*. New York Times. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/19/opinion/iraq-war-anniversary-.html> Acesso em: 23 set. 2019
- ARAB COMMISSION FOR HUMAN RIGHTS *et al.* *War and Occupation in Iraq*. Global Policy Forum. 2007. p. 17-28. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/images/pdfs/full.pdf> Acesso em: 07 set. 2019
- ARRAF, Jane. *15 years after U.S. invasion, some iraqis are nostalgic for Saddam Hussein era*. 2018. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/parallels/2018/04/30/605240844/15-years-after-u-s-invasion-some-iraqis-are-nostalgic-for-saddam-hussein-era> Acesso em: 23 set. 2019
- BAPIR, Mohammed Ali. *How the political elite view democracy in deeply divided countries: the case of Iraq*. 2016. Tese de Pós-Doutorado em Relações Internacionais. University of Warwick. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fe8a/396aa7bb914e823362b7613335769443bd1b.pdf> Acesso em 15 out. 2018
- BAPIR, Mohammed Ali *et al.* *Iraq: a deeply divided polity and challenges to democracy-building*. Information, Society and Justice Journal, S.l. v. 3, m. 2, p. 117-125. 2010. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Iraq-%3A-a-deeply-divided-polity->

and-challenges-Bapir/fe8a396aa7bb914e823362b7613335769443bd1b Acesso em: 15 out. 2018

BALAGHI, Shiva. *Saddam Hussein: A biography*. Westport, CT: Greenwood Press, 2006.

BASHAM, Patrick. *Can Iraq be democratic?*. Cato Institute. 2004. Disponível em: <https://www.cato.org/publications/policy-analysis/can-iraq-be-democratic-0> Acesso em: 5 mar. 2019

BBC. *Profile: Nouri Maliki*. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-11733715> Acesso em: 13 set. 2019

BEEHNER, Lionel. *The new face of Iraq's government*. 2006. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/component/content/article/168/36272.html> Acesso em: 23 set. 2019

BEETHAM, David. *The contradictions of democratization by force: the case of Iraq*. 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13510340902914338> Acesso em: 23 out. 2019

BENGIO, Ofra. *Saddam's word: political discourse in Iraq*. Oxford University Press on Demand, 2002. p. 49-68

BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 1, 1998. p. 674

BOGHANI, Priyanka. In their own words: sunnis on their treatment in Maliki's Iraq. PBS Frontline. 2014. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/in-their-own-words-sunnis-on-their-treatment-in-malikis-iraq/> Acesso em: 23 set. 2019

BRADLEY, Matt; KESLING, Ben. Iraq's Premier Rejects Calls for a More Broad-Based Government. 2014. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/iraqs-premier-rejects-calls-for-a-more-broad-based-government-1403696111> Acesso em: 23 set. 2019

BTI. Transformation Index: *Iraq Country Report*. 2018. Disponível em: <https://www.bti-project.org/en/reports/country-reports/detail/itc/IRQ/> Acesso em: 27 set. 2019

BUSH, George W. *National Security Strategy of the United States of America (NSS)*. White House. 2002. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2002/> Acesso em: 12 jun. 2019

BUSH, George W. *National Security Strategy of the United States of America (NSS)*. White House. 2006. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2006/> Último acesso: 15 jun. 2019

BUSH, George W. *The President's State of the Union Address*. White House, 2002.

BUSH, George W. *Inaugural address*. The American Presidency Project, 2005. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/node/214048> Acesso em: 08 jun. 2019

BYMAN, Daniel L.; POLLACK, Kenneth M. *Democracy in Iraq?*. Brookings, 2003. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/democracy-in-iraq/> Acesso em: 25 set. 2019

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Democracy*. S.l. Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/democracy> Acesso em: 13 abr. 2019

CBS NEWS. *Poll: Talk First, Fight Later*. 2003. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070330062908/http://www.cbsnews.com/stories/2003/01/23/opinion/polls/main537739.shtml#top> Acesso em: 14 ago. 2019

CHRISTIANO, Tom. *Democracy*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/democracy/> Acesso em: 15 ago. 2019

CIA. *Middle East: Iraq*. World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/iz.html> Acesso em: 9 jun. 2019

CNN NEWS. *Poll: approval for Iraq handling drops to new low*. 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070126105926/http://www.cnn.com/2006/POLITICS/12/18/bush.poll/index.html> Acesso em: 17 ago. 2019.

CORDESMAN, Anthony H. *American Strategic, Tactical, and Other Mistakes in Iraq*. Washington, D.C: Center for Strategic and International Studies, 2009. p. 1-7

COX, Robert W. *Towards a post-hegemonic conceptualization of world order: reflections on the relevancy of Ibn Khaldun*. In: ROSENAU, James N. et al. *Governance without government: Order and change in world politics*, 1992. p. 132-159.

CUTRIGHT, Phillips. *National political development: Measurement and analysis*. American Sociological Review. v. 28, n. 2, 1963. p. 253-264

CRABTREE, Steve. *Faith in Iraqi Government Falls Sharply in Sunni Regions*. S.l. Gallup. 2014. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/171959/faith-iraqi-government-falls-sharply-sunni-regions.aspx> Acesso em: 20 set. 2019

CRAIGHILL, Peyton M. *Public opinion is settled as Iraq war concludes*. S.l. The Washington Post. 2011. Disponível em: [washingtonpost.com/blogs/behind-the-numbers/post/public-opinion-is-settled-as-iraq-war-concludes/2011/11/03/gIQADF2qsM_blog.html](http://www.washingtonpost.com/blogs/behind-the-numbers/post/public-opinion-is-settled-as-iraq-war-concludes/2011/11/03/gIQADF2qsM_blog.html) Acesso em: 17 ago. 2019

DAHL, Robert A. *Democracy*. Encyclopædia Britannica. 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/democracy> Acesso em: 10 maio 2019

DAHL, Robert A. *Democracy and Its Critics*. New Haven, CT: Yale University Press. 1989. p. 220

DAHL, Robert. *Polyarchy: participation and opposition*. New Haven, Yale University Press, 1971. p. 6-9

DAVIS, Eric. *Historical Memory and the Building of Democracy in Iraq*. Entrevista Concedida a Elizabeth A. Cole. Carnegie Council. 2004. Disponível em: https://www.carnegiecouncil.org/publications/articles_papers_reports/4955#3 Acesso em: 07 set. 2019

DAVIS, Eric. *Taking democracy seriously in Iraq*. Occasional Paper, n. 2. Boston University, Institute for Iraqi Studies. 2015. Disponível em: <https://www.bu.edu/iis/news/annual-lecture/sami-zubaida/> Acesso em: 09 nov. 2018

DAVIS, Eric. *History matters: past as prologue in building democracy in Iraq*. *Orbis*, v. 49, n. 2, 2005. p. 229-244.

DAWISHA, Adeed. *Democratic attitudes and practices in Iraq, 1921-1958*. *The Middle East Journal*, v. 59, n. 1, 2005. p. 11-30.

DE LEON, Charles L. *"Perilously close to propaganda": How Fox News shilled for Iraq War, and Jon Stewart returned sanity*. S.l. Salon Media Group. Disponível em: https://www.salon.com/2015/05/23/perilously_close_to_propaganda_how_fox_news_shilled_for_iraq_war_and_jon_stewart_returned_sanity/ Acesso em: 18 ago. 2019

DE TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy in America*. 1840. Ed: Phillip Bradley, 1988. p. 659-660

DIAMOND, Larry. *Squandered victory: the American occupation and the bungled effort to bring democracy to Iraq*. New York: Macmillan, 2007. p. 220-80.

DOBBINS, James F. *Nation-building: the inescapable responsibility of the world's only superpower*. S.l. Rand Review, 2003. v 27. n.2. p. 22

DOYLE, Michael W. *Three pillars of the liberal peace*. *American Political Science Review*, v. 99, n. 3, 2005. p. 463-466

DUMAS, Timothy. *Truth and Consequences: Meet Ashleigh Banfield. She spoke out about TV war coverage and paid a high price. Would she do it again?*. S.l. New Canaan-Darien Magazine, 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150217090152/http://www.newcanaandarienmag.com/n/January-2009/Truth-and-Consequences/index.php?cparticle=1&siarticle=0#artanc> Acesso em: 18 ago. 2019

FREEDOM HOUSE. *Iraq*. Freedom In The World 2019 Report. 2019. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2019/iraq> Acesso em: 10 jun. 2019

FRIEDMAN, Jon. *Fox tops CNN, MSNBC in war TV ratings*. S.l. Market Watch. 2003. Disponível em: <https://www.marketwatch.com/story/fox-news-tops-cnn-msnbc-in-initial-war-ratings-race?source=blq%2Fyhoo&dist=yhoo&siteid=yhoo> Acesso em: 20 ago. 2019

FUNDAÇÃO FHC. *Is there a global decline in democracy? Round table with Larry Diamond*. Fundação FHC. 2017. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/en/initiatives/is-there-a-global-decline-in-democracy-round-table-with-larry-diamond> Acesso em: 11 jun. 2019

GALLUP. *Gallup's pulse of democracy 2007, the war in iraq*. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071130001434/http://www.gallup.com/poll/1633/Iraq.aspx#4> Acesso em: 15 ago. 2019

GALLUP. *Presidential approval ratings: George W. Bush*. 2009. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx> Acesso em: 17 ago. 2019.

GALTUNG, Johan. *Cultural violence*. Journal of Peace Research. v. 27, n. 3, 1990. p. 291-305.

GOULD, J.J. *Ten years after the fall of Saddam, how do iraqis look back on the war?*. The Atlantic. 2013. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2013/06/10-years-after-saddam/277362/> Acesso em: 13 set. 2019

HADDAD, Fanar. *"Marked" for exclusion: the problem of pluralism, state-building, and communal identities in Iraq and the arab world*. The Middle East Institute. 2014. Disponível em: <http://www.mei.edu/content/map/marked-exclusion-problem-pluralism-state-building-and-communal-identities-iraq-and-arab-world> Acesso em: 16 out. 2018

HADDAD, Fanar. *Shia-centric state building and sunni rejection in post-2003 Iraq*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, 2016.

HASAN, Harith. *From radical to rentier islamism: the case of Iraq's dawa party*. Carnegie MEC. 2019. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/2019/04/16/from-radical-to-rentier-islamism-case-of-iraq-s-dawa-party-pub-78887> Acesso em: 24 set. 2019

HINNEBUSCH, Raymond. *Authoritarian persistence, democratization theory and the Middle East: an overview and critique*. Democratization. v. 13, n. 3, 2006. p. 373-395

HUSSEIN, Saddam. *Democracy: A source of strength for the individual and society*. 1977.

INDEPENDENT INSTITUTE FOR ADMINISTRATION AND CIVIL SOCIETY STUDIES. *Public opinion in Iraq; first poll following Abu Ghraib revelations*. 2004. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/images/pdfs/06iiacss.pdf> Acesso em: 15 set. 2019

INTERNATIONAL REPUBLICAN INSTITUTE. *Survey of Iraqi Public Opinion*. 2010. Disponível em: [http://www.iri.org/sites/default/files/2011%20February%202%20Survey%20of%20Iraqi%20Public%20Opinion,%20October%2023-30,%202010\(1\).pdf](http://www.iri.org/sites/default/files/2011%20February%202%20Survey%20of%20Iraqi%20Public%20Opinion,%20October%2023-30,%202010(1).pdf) Acesso em: 21 set. 2019

IRAQUE. Constituição. *Abstrato da constituição da República Popular Democrática do Iraque*. 1990. Disponível em: http://confinder.richmond.edu/admin/docs/local_iraq1990.pdf Último acesso: 28.08.2019

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. *Introduction to international relations: theories and approaches*. Oxford University Press, 2016. p 209-225

KADHUM, Oula. *The transnational politics of Iraq's shia diaspora*. S.l. Carnegie Middle East Center, 2018. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/2018/03/01/transnational-politics-of-iraq-s-shia-diaspora-pub-75675> Acesso em: 07 set. 2018

KANT, Immanuel. *Perpetual peace: a philosophical sketch*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

KATZENSTEIN, Peter J. *The culture of national security: norms and identity in world politics*. S.l. Columbia University Press, 1996.

KEMAN, Hans. *Polyarchy*. S.l. Encyclopædia Britannica. 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/polyarchy> Acesso em: 10 jun. 2019.

- KENNEY, Charles D. *Polyarchy*. S.I. International Encyclopedia of the Social Sciences. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/social-sciences/applied-and-social-sciences-magazines/polyarchy> Acesso em: 10 jun. 2019
- KHOURY, Dina Rizk. *History of Iraq and its society: between Hanna Batatu and Ali al-Wardi*. Doha: Omran Dohan Institute. 2018
- KUBBE, Ina; ENGELBERT, Annika. *Corruption and the impact of democracy. Crime, Law and Social Change*, 2017. p. 1-4.
- KULLAB, Samya. *Fifteen years after Saddam fell, where does Iraq stand now?*. 2018. Disponível em: <https://www.thenational.ae/world/mena/fifteen-years-after-saddam-fell-where-does-iraq-stand-now-1.719746> Acesso em: 25 set. 2019
- LINZ, Juan J.; STEPAN, Alfred. *Political Identities and Electoral Sequences: Spain, the Soviet Union, and Yugoslavia*?. S.I. Daedalus, v. 121, n. 2, 1992. p. 123–139.
- LIPSET, Seymour Martin. *Some social requisites of democracy: economic development and political legitimacy*. S.I. American Political Science Review, v. 53, n. 1, 1959. p. 69-105
- LUKITZ, Liora. *Iraq: the search for national identity*. S.I. Routledge, 2005. Disponível em: https://carnegieendowment.org/files/CMEC_59_Mansour_Sunni_Final.pdf Acesso em: 29 jun 2019
- LUND, Aron. *How Washington learned to love Haider al-Abadi*. 2018. Disponível em: <https://tcf.org/content/report/washington-learned-love-haider-al-abadi/?session=1> Acesso em: 26 set. 2019
- MANSOUR, Renad. *The sunni predicament in Iraq*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, 2016. Disponível em: https://carnegieendowment.org/files/CMEC_59_Mansour_Sunni_Final.pdf Acesso em: 30 jun. 2019
- MARTIN, Patrick. *Media bosses admit pro-war bias in coverage of Iraq*. 2003. Disponível em: <https://www.wsws.org/en/articles/2003/05/med-m02.html> Acesso em: 18 ago. 2019
- MEARSHEIMER, John J. *Great delusion: liberal dreams and international realities*. Yale University Press, 2018. p. 152-153
- MELLO, Patrick A. *Democratic peace theory*. The SAGE Encyclopedia of War: Social Science Perspectives (forthcoming), 2014. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2674255 Acesso em: 28 out. 2019
- MOLINE, Matt. *MSNBC's Banfield: media filtered realities of war*. 2003. Disponível em: https://web.archive.org/web/20030430132420/http://cjonline.com/stories/042403/bre_landonl ec.shtml Acesso em: 18 ago. 2019
- MUNCK, Gerardo L. *Democratic theory after transitions from authoritarian rule*. Perspectives on Politics, v. 9 n. 2, 2011. p. 333-343.
- NAUMANN, Nils; FRACZEK, Jennifer. *Al-Maliki: from popularity to political failure*. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/en/al-maliki-from-popularity-to-political-failure/a-17745408> Acesso em: 21 set. 2019

NATIONAL DEMOCRATIC INSTITUTE. *Iraq survey: lack of government responsiveness impacts public mood*. 2015. Disponível em:

https://www.ndi.org/Iraq_Survey_August_to_September_2015 Acesso em: 23 set. 2019

OBAMA, Barack. *Remarks by the President at Cairo University*. White House. 2009.

Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-cairo-university-6-04-09> Último acesso: 16.06.2019

OBAMA, Barack. *National Security Strategy of the United States of America (NSS)*. White House. 2010. Disponível em:

https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf Último acesso: 09.08.2019

OBAMA, Barack. *National Security Strategy of the United States of America (NSS)*. White House. 2015. Disponível em:

https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/2015_national_security_strategy_2.pdf Último acesso: 15.06.2019

OTTOWAY, Marina; KAYSI, Daniel. *The State of Iraq*. Washington, D.C.: The Carnegie Papers. 2012. Disponível em:

https://carnegieendowment.org/files/state_of_iraq.pdf Acesso em: 5 jul. 2019

OXFORD REFERENCE. *Democracy*. S.l. Oxford University Press. 2019. Disponível em:

<http://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095709688> Acesso em: 13 abr. 2019

OXFORD REFERENCE. *Democratization and Peace within States*. S.l. Oxford University Press. 2019. Disponível em:

<http://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095709770> Acesso em: 7 maio 2019

PROCTOR, Keith; TESFAYE, B. *How good governance can diminish support for violent extremism*. Mercy Corps. 2015. Disponível em:

https://www.mercycorps.org/sites/default/files/Investing%20in%20Iraqs%20Peace_Final%20Report.pdf Acesso em: 15 set. 2019

RUSSET, Bruce. *The democratic peace hypothesis: from description to explanation*. Mershon International Studies Review. v. 38, n. 2, 1994. p. 352-354

ROSATO, Sebastian. *The flawed logic of democratic peace theory*. American Political Science Review. v. 97, n. 4, 2003. p. 585-602

RUMMEL, Rudolph J. Democracies are less warlike than other regimes. *European journal of international relations*, 1995, 1.4: 457-479.

RUSTOW, Dankwart A. *Transitions to democracy: Toward a dynamic model*. Comparative Politics, v. 2, n. 3, p. 337-363, 1970.

PEW RESEARCH CENTER, *Public Struggles with Possible War in Iraq*, 2003. Disponível em:

<https://www.people-press.org/2003/01/30/public-struggles-with-possible-war-in-iraq/> Acesso em: 16 jun. 2019

PEW RESEARCH CENTER. *The Iraq Challenge*. 2008. Disponível em:

<https://www.pewresearch.org/2008/06/02/the-iraq-challenge/> Acesso em: 16 jun. 2019

PEW RESEARCH CENTER. *More americans say U.S. failed to achieve its goals in Iraq*, 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2014/06/12/more-americans-say-us-failed-to-achieve-its-goals-in-iraq/> Acesso em: 16 jun. 2019

PRZEWORSKI, Adam. *Democracy and economic development*. In: MANSFIELD, Edward; SISSON, Richard. *The evolution of political knowledge: Democracy, autonomy, and conflict in comparative and international politics*. S.l. Ohio State University Press. 2004. p. 300-324

ROBERTS, Joel. *Shifting Opinions On Iraq*. 2004. CBS News. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171201045103/https://www.cbsnews.com/news/shifting-opinions-on-iraq/> Acesso em: 16 ago. 2019

ROSNER, Jeremy D. *Obama can ignore public opinion on foreign policy*. Time. 2014. Disponível em: <https://time.com/3093659/obama-iraq-foreign-policy-polling/> Acesso: 17 ago. 2019

SAAD, Lydia. *Top ten findings about public opinion and Iraq*. Gallup. 2002. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/6964/top-ten-findings-about-public-opinion-iraq.aspx> Acesso em: 15 ago. 2019.

SAEED, Jabbar H. *Iraqi perspectives on post-invasion Iraq: a study of iraqi views on the state of human rights, security, economy, democracy and sovereignty: 2003-2009*. 2015. PhD Thesis. Department of Politics and International Relations.

SALLOUM, Sa'ad. *Minorities in Iraq: memory, identity and challenges*. Bagdad: Masarat. 2013. p. 240-243.

SANTOS, Maria Helena de Castro; TEIXEIRA, Ulysses Tavares. *Is it possible to export democracy by the use of force? Military interventions in Iraq and Libya*. In: FLACSOISA Joint International Conference. 2014.

SANTOS, Maria Helena de Castro; TEIXEIRA, Ulysses Tavares. *The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan*. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 56, n. 2, p. 131-156, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292013000200008&lng=en&nrm=iso Acesso em: 15 jun. 2019.

SCHIFFERES, Steve. *Who won the US media war?*. S.l. BBC News. 2003. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/2959833.stm> Acesso em: 19 ago. 2019

SHADID, Anthony. *In Iraq, western clocks, but middle eastern time*. S.l. New York Times. 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/08/15/weekinreview/15shadid.html> Acesso em: 27 set. 2019

SMALL, Melvin; SINGER, J. David. *The war-proneness of democratic regimes, 1816-1965*. Jerusalem Journal of International Relations. v. 1, n. 4, 1976. p. 50-69

SUSSMAN, Dalia. *Poll shows view of Iraq War is most negative since start*. S.l. The New York Times. 2007. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170930224955/http://www.nytimes.com/2007/05/25/washington/25view.html?_r=4&oref=slogin&oref=slogin&oref=slogin&oref=slogin Acesso em: 17 jun. 2019

TRUMP, Donald. *National Security Strategy of the United States of America (NSS)*. White House. 2017. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf> Último acesso: 15.06.2019

WEBER, Cynthia. *International relations theory: a critical introduction*. S.l. Routledge, 2013. p. 61-70

WENDT, Alexander. *Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics*. International organization. v. 46, n. 2, 1992. p. 391-425

WORLD PUBLIC OPINION. *Most iraqis want U.S. troops out within a year*. 2006. Disponível em: <http://worldpublicopinion.net/most-iraqis-want-u-s-troops-out-within-a-year/> Acesso em: 23 set. 2019

VAN RIPER, Frank. *Manipulating Truth, Losing Credibility*. S.l. The Washington Post. 2003. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/photo/essays/vanRiper/030409.htm> Acesso em: 18 ago. 2019

ZUNES, Stephen. *Iraq: the failures of democratization*. Foreign Policy in Focus. 2007. Disponível em: https://fpif.org/iraq_the_failures_of_democratization/ Acesso: 23 set. 2019